

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

IGOR MIGUEL DE ALMEIDA TABORDA

OS *NACIONALES* DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO  
“DIÁRIO DE LISBOA” (1936-1939)

Porto Alegre

2021

IGOR MIGUEL DE ALMEIDA TABORDA

OS *NACIONALES* DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO  
“DIÁRIO DE LISBOA” (1936-1939)

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção de título de Bacharel em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Enrique Serra Padrós

Porto Alegre

2021

IGOR MIGUEL DE ALMEIDA TABORDA

OS *NACIONALES* DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO  
“DIÁRIO DE LISBOA” (1936-1939)

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção de título de Bacharel em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Enrique Serra Padrós

Banca examinadora

---

Profº Dr. Enrique Serra Padrós – Departamento de História, UFRGS

---

Profª Dra. Carla Brandalise – Departamento de História, UFRGS

---

Profº Dr. Jorge Christian Fernández – Departamento de História, UFMS

Porto Alegre

2021

Para minha avó Aida e meu amigo Victor.

## AGRADECIMENTOS

Chego ao final da minha graduação esperando que esse não seja o fim da jornada, mas sim o começo de uma maior. Quero agradecer primeiramente aos meus pais, Gislaine e Carlos, por desde cedo terem me incentivado a ler e a estudar, sempre me auxiliando e acreditando no meu futuro. Sem eles eu certamente não estaria aqui. Eu sequer consigo descrever em palavras a gratidão que eu tenho pelo apoio incondicional que vocês me deram em todos os aspectos da minha vida até hoje. Também preciso agradecer a minha namorada, Jhulia, por sempre estar comigo, discutir ideias, ouvir as minhas reclamações e me aguentar durante a realização desse trabalho.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus avós, de sangue ou não, vocês sempre foram uma presença importante na minha vida. Obrigado Benigna, Vilmar e Luciane. Agradeço também à minha tia Carla, à minha dinda Terê e ao meu dindo Vladi.

Gostaria de agradecer aos meus amigos de infância, dos tempos de escola, por desde quando eu mal sabia ler marcarem presença na minha vida. E mesmo agora, que a convivência não é como antes, vocês continuam sendo importantes.

Também quero agradecer aos amigos que conheci na UFRGS, que assim como eu, enfrentam ou enfrentaram a dificuldade de se cursar uma graduação na área de humanas no Brasil. Independente dos caminhos que cada um tomou, vocês também foram importantes nesse período na universidade, dentro e fora da sala de aula.

E por fim, agradeço aos meus professores. Todos que tive ao longo dessas duas décadas de vida tiveram a sua importância, mas preciso destacar alguns em especial. Ao professor Vilmar Joaquim, responsável pelas primeiras fagulhas que despertaram o meu interesse pela História; ao professor Valdir, pelas discussões filosóficas e os convites para churrascos; e ao professor Enrique Padrós, pelas suas aulas apaixonadas e instigantes sobre temas fascinantes e delicados. Mas principalmente por me aguentar, auxiliar e orientar durante a realização desse trabalho. Sem ele nada disso seria possível.

“Pereira afirma que teria gostado de dizer uma porção de coisas. Teria gostado de responder que acima dele havia o seu diretor, que era um indivíduo do regime, e que, ademais, havia o regime, com sua polícia e sua censura, e que em Portugal todos estavam amordaçados, enfim que não era possível expressar livremente a própria opinião, e que ele passava seu dia numa mísera salinha da rua Rodrigo da Fonseca, na companhia de um ventilador asmático e vigiado por uma zeladora que provavelmente era uma informante da polícia.”

(Antonio Tabucchi)

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar o modo como os *Nacionales* da Guerra Civil Espanhola foram apresentados à sociedade portuguesa no jornal “Diário de Lisboa”, nas edições publicadas durante o período do conflito. Tendo em vista o contexto da ditadura Salazarista, pretende-se avaliar como a atuação do *Bando Nacional* foi abordada na mídia impressa de Portugal, visto que, apesar da destacada presença de correspondentes na Espanha, os jornalistas precisaram atuar levando em conta a prática censória do Estado Novo. Desse modo, no capítulo sobre o periódico abordamos questões técnicas sobre a fonte e os profissionais que a produziram, além de aprofundar algumas questões relacionadas a atividade do jornal durante a guerra. No capítulo sobre os *Nacionales*, analisamos de que forma o *Bando Nacional* foi tratado como grupo, de que maneira suas ações no conflito foram mostradas, como o apoio das potências fascistas foi reportado e de que modo os principais protagonistas do movimento foram apresentados aos seus leitores. Por fim, exploramos como a atuação de Portugal na Guerra Civil Espanhola foi mostrada, visto que Salazar buscava manter um apoio direto e discreto aos Sublevados.

**Palavras-chave:** Guerra Civil Espanhola, Diário de Lisboa, Imprensa, Francisco Franco, Estado Novo, Salazar.

## ABSTRACT

This work intends to analyze how the *Nacionales* of the Spanish Civil War were presented to Portuguese society in the newspaper "*Diário de Lisboa*", in the editions published during the period of the conflict. In view of the context of the Salazar dictatorship, it is intended to assess how the *Bando Nacional* was approached in the print media of Portugal, since, despite the prominent presence of correspondents in Spain, journalists had to act taking into account the censorship practice of the *Estado Novo*. Thus, in the chapter on the journal we address technical questions about the source and the professionals who produced it, in addition to deepening some questions related to the newspaper's activities during the war. In the chapter on the *Nacionales*, we analyzed how the *Bando Nacional* was treated as a group, how its actions in the conflict were shown, how the support of fascist states was reported and how the main protagonists of the movement were presented to their readers. Finally, we explored how Portugal's performance in the Spanish Civil War was shown, as Salazar sought to maintain direct and discreet support for the *Sublevados*.

**Keywords:** Spanish Civil War, Diário de Lisboa, Press, Francisco Franco, Estado Novo, Salazar.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Foto Norberto Lopes com o capitão Súnico, coronel Rada e o tenente Martinho Caldeira Ribeiro.....	22
Imagem 2 – Artur Portela entre o general Franco e o Coronel Moscardó.....	23
Imagem 3 – Crianças espanholas saudando à romana com bandeiras ao fundo .....	35
Imagem 4 – Mapa das regiões dominadas pelos Sublevados em 10 de agosto de 1936.....	38
Imagem 5 – Reportagem sobre a “heroica” resistência dos cadetes do <i>Alcázar</i> .....	42
Imagem 6 – A vitória de Franco.....	46
Imagem 7 – Teotónio Pereira ao lado do general Dávila e Anacleto dos Santos.....	65
Imagem 8 – Jorge Botelho Moniz e a primeira noite depois da entrada dos soldados de Franco em Madrid .....	70

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 “DIÁRIO DE LISBOA” .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Linha Editorial.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Editores, diretores, colunistas e correspondentes.....</b>	<b>20</b>
2.2.1 JOAQUIM MANSO.....	21
2.2.2 NORBERTO LOPES .....	21
2.2.3 ARTUR PORTELA.....	22
2.2.4 FELIX CORREIA .....	23
2.2.5 MARIO NEVES .....	24
2.2.6 JORGE BOTELHO MONIZ / X.Y.Z.....	26
<b>2.3 Agências de Notícias .....</b>	<b>28</b>
<b>3 O BANDO NACIONAL NAS PÁGINAS DO “DIÁRIO DE LISBOA” .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Os Nacionales na Guerra .....</b>	<b>36</b>
<b>3.2 A participação das potências fascistas .....</b>	<b>47</b>
3.2.1 ITÁLIA FASCISTA .....	49
3.2.2 ALEMANHA NAZISTA .....	49
<b>3.3 Líderes destacados nas páginas do “Diário de Lisboa” .....</b>	<b>50</b>
3.3.1 FRANCISCO FRANCO .....	51
3.3.2 EMILIO MOLA .....	53
3.3.3 GONZALO QUEIPO DE LLANO .....	55
3.3.4 JUAN YAGÜE.....	56
3.3.5 JOSÉ ANTÓNIO PRIMO DE RIVERA .....	59
3.3.6 OUTROS PROTAGONISTAS DESTACADOS.....	60
<b>4 O ESTADO NOVO DE SALAZAR NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA .....</b>	<b>62</b>
<b>4.1 O Enviado Especial.....</b>	<b>64</b>
<b>4.2 Os Viriatos.....</b>	<b>65</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho irá analisar o modo como o *Bando Nacional* da Guerra Civil Espanhola foi apresentado à sociedade portuguesa no jornal “Diário de Lisboa”. Tendo em vista o contexto da ditadura Salazarista, pretende-se avaliar como a atuação daquelas forças envolvidas no conflito foi abordada na mídia impressa de Portugal, visto que, apesar da destacada presença de correspondentes na Espanha, os jornalistas precisaram atuar levando em conta a prática censória do Estado Novo.

A Espanha enfrentava diversos conflitos e instabilidades políticas desde o século XIX. Por exemplo, em 1833 houve o primeiro grande embate entre absolutismo e liberalismo, com a Primeira Guerra Carlista (ainda ocorreram outras duas). A Espanha que entrou no século XX era um país de acentuado perfil agrário, desigual, industrialmente atrasado, com muitos analfabetos e uma monarquia que buscava manter um verniz democrático, mas na prática, ainda permanecia bastante oligárquica. Em 1923 ocorreu o golpe militar comandado por Miguel Primo de Rivera, que instaurou uma ditadura corporativista. Contudo, com a insustentabilidade do aumento de despesas do Estado sua popularidade despencou, e a Quebra da Bolsa de Nova Iorque, em outubro de 1929, foi o golpe final no regime, que terminou em 1930. A demissão de Primo de Rivera afetou diretamente a credibilidade da monarquia espanhola, cúmplice do governo, levando a uma maior articulação das forças antimonárquicas, que acabaram vencendo as eleições municipais de 1931. Com a derrota (inesperada aos olhos do rei), Alfonso XIII abdicou, dando início a uma república que, apesar da votação expressiva, estava longe de ser unanimidade entre a população.

Desse modo, a Segunda República Espanhola se tornou realidade em um período de grande instabilidade política e econômica, tendo que lidar com os mesmos problemas não resolvidos por governos anteriores e buscando enfrentar alguns dilemas-chaves do contexto espanhol da década de 30. A discussão do laicismo contra o catolicismo, a questão da reforma agrária, os debates quanto as diferentes identidades nacionais e suas autonomias, além da macrocefalia do exército<sup>1</sup> e sua aversão à classe política. Essas questões mal resolvidas geraram acalorados embates e instabilidade política nos anos seguintes, desencadeando um conflito armado em 1936.

Assim como a Espanha, Portugal também passava por um processo semelhante. Contudo, a monarquia portuguesa foi derrubada ainda em 1910, com o estabelecimento de uma república que duraria até 1926. Como apontado por Paulo Jorge Fernandes (2019, p.

---

<sup>1</sup> Ou seja, o número excessivo de generais em relação ao tamanho das forças armadas.

181)<sup>2</sup> a República apresentou três períodos distintos, mas de maneira geral é possível caracterizá-la pelas disputas entre o governo e a Igreja católica, por convulsões sociais, grandes tensões políticas e até mesmo um golpe de Estado que instaurou a breve ditadura de Sidónio Pais, que buscava resgatar os valores tradicionais da “Pátria” portuguesa e restaurar a ordem. A mesma foi um breve ensaio do que ocorreria no país posteriormente e teve seu fim menos de um ano depois, com o assassinato de seu líder em dezembro de 1918. A República veria seu fim em 28 de maio de 1926, em um golpe militar de viés antiliberal que estabeleceu as bases para a futura ditadura Salazarista, o Estado Novo.

Dessa forma, enquanto na Espanha, em 1936, o *Alzamiento* planejado por membros de setores conservadores e reacionários da sociedade eclodiu e desencadeou uma guerra, Portugal já se encontrava submetido à um governo ditatorial desde o final dos anos 20. O regime que surgiu de um golpe militar acabou tendo um civil como principal nome pelas próximas décadas, o antigo ministro das finanças, António de Oliveira Salazar. Chefe de governo desde 1932, o ditador, assim como muitos nomes do alto escalão do regime e do exército, viram na Guerra Civil Espanhola um perigo para a estabilidade do país e seu projeto conservador, antiliberal e anticomunista. A importância do que aconteceria na Espanha não era segredo para os portugueses, desse modo, o Estado Novo se preocupou não apenas em ajudar o *Bando Nacional* no conflito, mas também buscou evitar que notícias potencialmente danosas à imagem dos Sublevados, inquestionavelmente mais alinhados com Salazar do que os “Vermelhos”, fossem veiculadas na mídia local. Levando em conta o grande interesse da população portuguesa, a proximidade do país e a ampla mobilização de jornalistas, a guerra na Espanha foi um fenômeno ímpar dentro da imprensa portuguesa do período.

Com diversos enviados em múltiplos campos de batalha durante todo o conflito, foi o acontecimento internacional que mais correspondentes mobilizou na história da comunicação social portuguesa até àquela data (RODRÍGUEZ, 2003, p. 9). Porém, também é preciso levar em conta a conjuntura local. Como apontado por Manuel Baiôa (2012, p. 158), a Constituição de 1933, que deu início ao Estado Novo, apesar de classificar a liberdade de expressão do pensamento como um direito e uma garantia, previa que:

leis especiais regularão o exercício da liberdade de expressão [...] devendo, [...] impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião pública na sua função de força social, e salvaguardar, a integridade moral dos cidadãos. (PORTUGAL, 1933).

---

<sup>2</sup> PINTO, António Costa; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (org.). **História Política Contemporânea: Portugal 1808-2000**. Rio de Janeiro: Objectiva, 2019. Capítulo de Paulo Jorge Fernandes. A crise do liberalismo — 1890–1930. páginas 139-212.

Sendo assim, existia censura e ela tinha como principal objetivo:

impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade. (PORTUGAL, 1933).

Como indicado por José Tengarrinha (2016, p. 186), para o regime, a “opinião pública” não era concebida como um espaço de livre circulação de ideias, com liberdade para se discutir as mais diversas questões, mas sim como um espaço onde deveria ser construído um “bloco de opinião” ao serviço dos interesses governamentais para forjar um “espírito nacional”. Tendo em vista que o próprio Salazar acreditava que “Politicamente, só existe aquilo que o público sabe que existe”<sup>3</sup>, a atuação da imprensa era especialmente significativa naquele contexto. Assim, diversos esforços para uniformizar, normatizar e centralizar os serviços de censura foram postos em prática, com a instituição mais perene criada pela ditadura sendo constituída e estabilizada. Dessa forma, os jornais tiveram de moldar-se aos novos tempos se queriam sobreviver. Cada um precisava enviar todas as notícias que queria publicar para serem examinadas, posteriormente era-lhes devolvida uma prova com dois carimbos “o primeiro indicava o local da comissão de censura juntamente com a palavra «visado» e o segundo com a decisão da comissão: «autorizado»; «autorizado com cortes»; «suspense»; «retido» ou «cortado».” (Baiôa, 2012, p. 161). O governo não fazia questão de esconder a existência da censura prévia da mídia impressa, afinal, os periódicos da época vinham com um aviso na sua capa em letras maiúsculas explicitando que “ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA”. Contudo, o leitor desconhecia o tamanho desses cortes nas informações do noticiário que consumia, dado que era proibido apresentar quaisquer espaços em branco ou referências a trechos censurados. Nessa conjuntura, os editoriais e os próprios jornalistas, se antecipando a possíveis cortes, iniciaram um processo de autocensura como forma de assegurar a continuidade dos seus periódicos e a manutenção de seus empregos (Ó, 1996).

Além disso, sequestros, torturas e assassinatos eram práticas correntes na busca do governo em conter a ação de opositores, almejando a manutenção da ordem<sup>4</sup>. Tendo em vista esse objetivo constante de Salazar e os meios para silenciar quem ele considerava subversivo, o regime também buscou evitar que jornalistas contrários aos valores do Estado Novo fossem para a Espanha; afinal, seria arriscado permitir que críticos do governo fossem para o país

---

<sup>3</sup> Oliveira Salazar, (1939), p. 259 [discurso de Oliveira Salazar na Sede da Propaganda Nacional, no acto da sua inauguração, em 26 de Outubro de 1933].

<sup>4</sup> Ou pelo menos o que Salazar entendia como tal.

vizinho reportar os fatos livremente. Desse modo, a escolha final de quem iria fazer a cobertura da guerra era altamente relevante e coube ao Secretariado de Propaganda Nacional a aprovação dos jornalistas enviados (RODRÍGUEZ, 2003, p. 11).

Todo esse cuidado evidencia a importância que o governo deu à cobertura feita pela imprensa, motivado principalmente pelo receio de possíveis impactos na opinião pública local quanto a fatores políticos e outros valores e opiniões ali em disputa. Contudo, o próprio Salazar tinha consciência de que a censura não era uma prática livre de falhas. Além disso, apesar de a repressão inquestionavelmente existir, os limites da liberdade de expressão no Estado Novo eram mais amplos e maleáveis do que em outros regimes do período, como por exemplo o Nazista e o Fascista<sup>5</sup>. Como dito por Filipe Ribeiro de Meneses (2011, p. 184), Salazar controlava, o sistema de repressão de maneira seletiva, buscando não causar escândalo. Desse modo, a supressão de informações em Portugal não era uma força todopoderosa, ocorria na medida em que era eficiente o suficiente para evitar agitações causadas pela oposição. Sendo assim, os censores portugueses exerciam uma atuação por vezes mais permissiva e em outras mais repressiva, variando de acordo com a região em que a censura era feita e o período, não sendo exatamente os mais rigorosos.

Isto posto, também é preciso explicitar que a seguinte pesquisa tem em vista que, como dito por José Honório Rodrigues (1968), nem sempre a exatidão e a independência dominam o conteúdo editorial, o que é especialmente verdade em um país submetido a uma ditadura. E, mesmo em uma conjuntura (hipotética) de plena liberdade de expressão, como dito por Gerson Wasen Fraga (2004, p. 22), apesar de o jornalista ter compromissos com valores como a realidade e a verdade, em última análise, não é capaz de reproduzir o fato tal como ele aconteceu. Assim como o historiador, esse profissional produz interpretações e reproduções da realidade carregadas de subjetividades, delimitadas pelas suas diferentes perspectivas e limitações, tanto ideológicas quanto culturais. Desse modo, tendo em vista o contexto em que a mídia impressa portuguesa estava inserida, ainda como um dos meios de comunicação mais difundidos pelo país, e em um período ditatorial, sujeita a diferentes tipos e graus de censura (bem como outras práticas comuns de repressão), irei abordar como as forças *Nacionais* e suas ações na Guerra Civil Espanhola foram apresentadas à sociedade portuguesa pelas páginas do Diário de Lisboa. Dessa forma, levarei em conta os diferentes interesses e restrições envolvidos nessa cobertura, a importância da formação de uma opinião

---

<sup>5</sup> “Fascista” com letra maiúscula em referência ao regime italiano de Benito Mussolini e não ao conceito de fascismo.

pública favorável (do ponto de vista do governo), e que, muitas vezes, a imprensa é tão relevante pelo que diz quanto pelo que acaba omitindo.

Para realizar esse trabalho é preciso primeiro estabelecer alguns pontos. Os diferentes grupos e setores que compuseram as forças golpistas de 1936 na Espanha não tem um nome consensualmente definido na historiografia. A nomenclatura torna-se ainda mais inconsistente quando levamos em conta as diferentes denominações utilizadas em obras publicadas ou traduzidas em diferentes idiomas como o português, espanhol ou inglês. Desse modo, optei por evitar ao máximo uma designação carregada de juízos de valor e generalizações em relação aos dois lados em conflito, não utilizando termos pejorativos, imprecisos ou generalizantes, como “fascistas”, “brancos”, “azuis”, “vermelhos”, “marxistas” ou “comunistas”<sup>6</sup>. Além disso, não seria correto chamar as forças aglutinadas no golpe contra a Segunda República de franquistas, já que Franco ainda não era o líder inquestionável do movimento em seu início. Sendo assim a opção tomada foi a de utilizar termos como: “*Nacionales*”, como são chamados em espanhol, com letra maiúscula para diferenciar de referências ao conceito de nacionalismo<sup>7</sup>; “*Bando Nacional*”, um dos nomes com o qual eles se autodenominaram e que costuma ser utilizado na historiografia hispanófona; “*Subelevados*”, como o próprio jornal costuma se referir em alguns momentos e “*Rebeldes*” pois se tratava de um grupo inquestionavelmente rebelado contra o governo democraticamente eleito. Também é preciso pontuar que as citações diretas ao que foi escrito no periódico serão reproduzidas aqui da mesma forma como foram publicadas, na ortografia antiga, por vezes limitada pelos equipamentos do período e em alguns casos contendo os mesmos erros ortográficos.

A abordagem geral da imprensa local costuma ser caracterizada como parcial pela historiografia, como apontado por Alberto Pena Rodríguez (1997) e José Tengarrinha (2016), porém, as pesquisas sobre o assunto geralmente abordam o contexto geral da mídia portuguesa. Desse modo, pretendo explorar a abordagem feita pelo Diário de Lisboa, tendo em vista o fato de que, além de ter sido um dos jornais lisboetas de grande tiragem do período, foi o primeiro periódico português a enviar correspondentes para noticiar a Guerra Civil Espanhola, sendo também o segundo em número de enviados. Sua atividade no conflito se tornou especialmente conhecida pelo episódio envolvendo as denúncias dos massacres ocorridos em Badajoz, feitas pelo jornalista Mario Neves, sendo um caso célebre até mesmo na bibliografia generalista sobre o assunto. Dessa forma, a atuação privilegiada dos diversos enviados portugueses, e do próprio jornal, merecem uma análise aprofundada, apesar do filtro

---

<sup>6</sup> Com exceção de momentos onde referencio alguma fala veiculada no próprio jornal.

<sup>7</sup> O Diário costuma chamar de “Nacionalistas”, logo, o termo irá aparecer em algumas citações.

da censura. Além disso, o Diário tem o seu acervo completo disponível online e de fácil acesso no site da Casa Comum, desenvolvido pela Fundação Mário Soares, que disponibiliza os documentos custodiados por ela e outras organizações e instituições parceiras.

Para isso me apoiarei especialmente na extensa bibliografia quanto à Espanha e o conflito, como nas obras de Francisco Salvadó (2008), Paul Preston (1994), Helen Graham (2005), Frances Lannon (2002) e Josep Buades (2013). A respeito do contexto de Portugal e dos anos de Salazar utilizarei a biografia do ditador feita por Filipe Ribeiro de Meneses (2011), a obra de história contemporânea organizado por António Costa Pinto e Nuno Gonçalo (2019), e o livro de história geral do país de David Birmingham (2017). Porém, as principais bases da pesquisa estão nos trabalhos de Alberto Pena Rodríguez e Rui Aballe Vieira. Alberto Pena possui uma indispensável bibliografia sobre a mídia portuguesa e sua atuação durante a Guerra Civil Espanhola. Sua tese de doutorado (1997), seus artigos sobre os correspondentes (2003) e a atuação dos Viriatos e a Imprensa (2015) são peças essenciais na realização deste trabalho. A pesquisa de Aballe Vieira (2011) também foi importante na construção do capítulo sobre a atuação de Portugal e de alguns enviados, embasando e fornecendo as informações necessárias para construí-los.

Tendo isso em vista, iremos analisar as edições do Diário de Lisboa de 18 de julho de 1936 até 1º de abril de 1939, passando pelo início da guerra até o seu fim. Sempre levando em consideração a bibliografia sobre o conflito e as narrativas propagandísticas criadas por ambos os lados. Assim, irei examinar as capas das edições, as colunas, crônicas e fotos publicadas relacionadas com a guerra, buscando descobrir: qual o foco dado pelo jornal aos *Nacionales*?; são caracterizados de maneira positiva ou negativa?; a violência da guerra é tratada apenas dentro do campo de batalha?; execuções sumárias são reportadas?; o auxílio internacional é abordado?; as vitórias e derrotas do *Bando Nacional* são mostradas?; os diferentes setores que os compõem são trabalhados? Dessa forma, pretende-se descobrir:

- a) Como o *Bando Nacional* foi apresentado aos portugueses;
- b) De que modo suas ações foram (ou não) reportadas;
- c) Como o auxílio prestado pelas potências fascistas aos *Nacionales* foi mostrado;
- d) Quais nomes receberam maior destaque e de qual modo foram caracterizados;
- e) E de que maneira o envolvimento do Estado Novo foi tratado.

A partir destas questões pretende-se compreender como os *Nacionales* foram apresentados à sociedade portuguesa, que tinha grande interesse no assunto. Tudo isso, é claro, levará em conta que o jornal, sua equipe editorial e seus correspondentes estavam inseridos

dentro do contexto ditatorial salazarista, o que influenciou na sua atuação e interpretação dos fatos.

Desse modo, no capítulo sobre o Diário de Lisboa iremos abordar questões técnicas sobre a fonte e os profissionais que a produziram, além de aprofundar algumas questões relacionadas a atividade do jornal no conflito. No capítulo sobre os *Nacionales*, irei expor de que forma o *Bando Nacional* foi tratado como grupo, de que maneira suas ações no conflito foram mostradas, como o apoio das potências fascistas foi reportado e de que modo os principais protagonistas do movimento foram apresentados. Por fim, irei explorar como a atuação de Portugal na Guerra foi mostrada, visto que Salazar buscava manter uma atuação direta mas discreta no apoio aos Sublevados.

## 2 “DIÁRIO DE LISBOA”

Propriedade da Renascença Gráfica, detentora das instalações, da gráfica e do próprio título, foi fundado no dia 7 de abril de 1921 pelo banqueiro António Vieira Pinto, um dos sócios do Banco Pinto & Sotto Mayor<sup>8</sup>. Entretanto, no primeiro número Joaquim Manso aparece como diretor, proprietário e editor<sup>9</sup>. O Diário de Lisboa foi o primeiro jornal vespertino publicado em Lisboa<sup>10</sup>, ativo entre 1921 e 1990, completou 100 anos de sua fundação em 2021. Até 2009, António Ruella Ramos promovia a publicação de um número anual como forma de manter o nome do Diário. Após a sua morte os sobrinhos, João Pacheco e Rosa Ruela, mantiveram esta tradição<sup>11</sup>. Seu arquivo completo está disponível online e é de fácil acesso no site da Casa Comum, desenvolvido pela Fundação Mário Soares e Maria Barroso, que disponibiliza os documentos custodiados por ela e outras organizações e instituições parceiras.

De periodicidade diária, o jornal foi dirigido pelo jornalista Joaquim Manso durante os anos da Guerra Civil Espanhola (18 de julho de 1936 a 1º de abril de 1939), o período abordado por essa pesquisa. O conteúdo do jornal é majoritariamente escrito e conta com a presença de imagens em preto e branco. Na época, suas edições custavam 30 centavos, e costumavam variar entre 8, 12 e 16 páginas, sempre com fotos, anúncios e seções específicas relacionadas à política internacional, cultura e entretenimento. De modo geral se utilizava de gravuras apenas para mostrar aos leitores quem era a pessoa que estava sendo focada na notícia em questão ou o local onde algo tinha acontecido. Nas edições com mais páginas a presença de imagens, assim como a sua variedade, era maior. Por estar abordando uma guerra, frequentemente mostrava a destruição causada pelo conflito, a situação da população civil em territórios *Nacionales* e, principalmente, os líderes do movimento em atividades fora do campo de batalha, posando para fotos, conversando com soldados ou em pronunciamentos ao público.

Historicamente conceituado por suas seções culturais, o Diário de Lisboa era um jornal erudito, mas também tratava de temas populares. Falava muito de literatura, cinema e

---

<sup>8</sup>MATOS, Álvaro Costa de. No centenário da fundação do Diário de Lisboa (1921-2021): história e memória. **Público**, 2021. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2021/04/18/opiniaio/noticia/centenario-fundacao-diario-lisboa-19212021-historia-memoria-1958853>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

<sup>9</sup> Diário de Lisboa, nº 1, Ano 1, Quinta, 7 de Abril de 1921, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1921. p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05739.003.00364>>. Acesso em 27 abr. 2021.

<sup>10</sup> MATOS, 2021.

<sup>11</sup> CASA COMUM. **Diário de Lisboa**. Disponível em: <[http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_529](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_529)>. Acesso em 7 abr. 2021.

teatro, frequentemente repercutindo lançamentos, e sempre muito aberto à presença de colonistas convidados. Textos literários, debates culturais e notícias sobre futebol dividiam o seu espaço com notícias sobre política internacional, que tinham mais espaço do que reportagens internas de Portugal, perdendo sua predominância apenas diante de grandes comemorações locais ou durante acontecimentos excepcionais. Na Guerra da Espanha recorreu a correspondentes próprios, mas geralmente se utiliza apenas de algumas agências de notícias e jornais estrangeiros como fonte, contando também com informações de emissoras como a *Radio Sevilla*, *Emissora Nacional* e o *Rádio Clube Português*, veículo conhecido pelo seu apoio ao regime de Salazar e pelo papel propagandístico em prol dos *Nacionales* na guerra (RODRÍGUEZ, 1997, p. 259). Os “giros de notícia” reportando o que foi publicado em diversos jornais pela Europa foram bem comuns na cobertura do conflito espanhol, repercutindo especialmente a mídia francesa, alemã, inglesa e italiana. Tratava brevemente das notícias, por vezes indo de jornais de extrema-direita à extrema-esquerda, mas sem se deter em nada que fosse muito polêmico em relação aos interesses do Estado Novo.

Existem poucas informações precisas e confiáveis quanto a vendas e público médio consumidor do jornal, assim como de outras publicações portuguesas do período. Contudo, é classificado por Manuel Baiôa (2012, p.169) como um dos diários lisboetas de grande tiragem. Em 1937, ainda no primeiro ano de conflito, o próprio periódico afirmava que a sua tiragem subira para 10.800.000<sup>12</sup>.

## 2.1 Linha Editorial

A imprensa portuguesa atual aponta que durante a ditadura o jornal tornou-se célebre por situar-se como uma oposição democrática ao regime. Porém, o Estado Novo foi uma ditadura que atravessou décadas, e pelo menos no período abordado por este projeto, isto não foi exatamente o que se verificou. Apesar de um ou outro episódio marcante de desafio contra as normas de imprensa impostas pelo governo, de modo geral, a linha editorial se mostrou subserviente tanto ao governo de Salazar quanto a alguns de seus valores. Tal fato se verifica especialmente nos anos finais do conflito espanhol, onde há ainda menos episódios de desafio aos limites da censura e o periódico chega a contar com o capitão Jorge Botelho Moniz, um dos enviados oficiais do Estado Novo para a *Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha*, da qual foi um dos idealizadores (VIEIRA, 2011, p. 40). Alguns princípios

---

<sup>12</sup> Diário de Lisboa, nº 5165, Ano 17, Quarta, 7 de Abril de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 14. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06472#!14>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

assumidos pelo jornal, desde o seu primeiro editorial, persistem até esse momento, como a exaltação da pátria portuguesa e dos valores lusitanos<sup>13</sup>. Na mesma edição, além de tecer críticas ao instável governo republicano de Portugal do período, afirma que:

O “Diario de Lisboa”, portanto, será um jornal moderado para todos os que na pressa de avançar para o porvir tomam como estrela os vagos fulgores duma utopia. A muitos, porem, parecerá revolucionario, porque no seu incansavel afan de sacrificar todos os interesses mesquinhos e erros criminosos ás supremas aspirações da nacionalidade, algumas vezes, para falar a pura verdade, terá de ser violento, duro mesmo. (DIÁRIO DE LISBOA, 1921, p. 1).

Em outra edição, quando a ditadura militar instituiu a censura sobre a imprensa, o jornal se posicionou de maneira contundente:

Um dia de tréguas. Os jornais ainda hoje podem ter opinião. Mas de amanhã em diante têm que pensar pela cabeça dos outros. A pena do jornalista ficará, assim, reduzida a um objeto inofensivo de escrever contra as rasa. Não nos pergunte o leitor o que pensamos de certa atitude ou de certa medida governamental - porque não temos o direito de pensar. O jornal mais bem informado daqui para o futuro, será o Diário do Governo. (DIÁRIO DE LISBOA, 1926, p. 1).<sup>14</sup>

É possível afirmar que a publicação não se constituía como um periódico guiado por uma forte militância política ativa, como por exemplo jornais monarquistas ou de algumas correntes de esquerda do período. Porém, apesar de em diversos momentos se colocar como neutro, certamente não estava desprovido de ideologia. E, apesar de ter se manifestado em prol de valores democráticos anteriormente (como na citação acima), os *Nacionales* costumavam ser mostrados de maneira positiva na maior parte do tempo. É difícil precisar com exatidão qual o real posicionamento político dos responsáveis pelo Diário, afinal, também é necessário levar em conta atitudes tomadas dentro de contextos ditatoriais. Elogios dissimulados e fenômenos como a autocensura se manifestavam ante a possibilidade de prisões por emitir opiniões incômodas ao poder vigente. Outros fatores como os altos custos de reimpressão, fizeram com que o risco de pôr em prática desafios aos limites da liberdade de imprensa impostos pelo regime, não valessem a pena. Afinal, o *modus operandi* da censura evitava que páginas e espaços em branco fossem publicados, buscando manter um verniz de normalidade e prejudicando os periódicos que não seguiam as diretrizes impostas, obrigando-os a arcar com os custos de uma alteração ou reimpressão, por vezes levando-os a falência. Contudo, é necessário apontar que ao longo desse período houveram poucos indícios de que o

<sup>13</sup> Diário de Lisboa, nº 1, Ano 1, Quinta, 7 de Abril de 1921, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1921, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05739.003.00364>>. Acesso em 27 abr. 2021.

<sup>14</sup> Diário de Lisboa, nº 1599, Ano 6, Quarta, 23 de Junho de 1926, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1926, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05743.007.01963>>. Acesso em 8 maio 2021.

editorial se opusesse fortemente ao regime Salazarista ou discordasse radicalmente dos *Nacionales*, chegando a publicar, por diversas vezes, matérias elogiosas a eles. Além disso, o jornal também contou com um membro da ditadura em sua equipe, o que será tratado posteriormente.

## 2.2 Editores, diretores, colunistas e correspondentes

Sabe-se que as boas relações existentes entre os Sublevados e os jornalistas portugueses<sup>15</sup> conferiam a eles acesso privilegiado a informações, além de uma margem de manobra superior em relação aos enviados de outros países<sup>16</sup>. Como prova disso, foi frequente a presença de correspondentes do jornal entre as forças *Nacionales*, chegando a ser fotografados, inclusive, com autoridades importantes. Outra evidência pode ser vista no fato de que a primeira entrevista do general Franco, após o golpe de 1936, foi concedida ao Diário de Lisboa (e teve repercussão internacional).

Desse modo, os primeiros meses de guerra foram de intensa ação dos correspondentes do Diário. Contudo, nos últimos números de 1936 se verifica uma presença cada vez menor. Com o tempo, o jornal passou a publicar muito mais com base em informações de outros jornais (estrangeiros) e de agências de notícias. Tal situação se modificaria em 1938, com a entrada do capitão Jorge Botelho Moniz na equipe de colunistas e, posteriormente, como correspondente na guerra (reportando por intermédio do pseudônimo X.Y.Z.). Contudo, em 1939, a cobertura cada vez mais passou a enfatizar os avanços derradeiros do conflito com base em terceiros, apesar de ainda contar com correspondentes como Artur Portela, Norberto Lopes e o próprio Botelho Moniz. Essa variação do uso de enviados próprios é entendível, pois com a guerra já mais estabilizada, deixando de ser um fato novo, e com a contextualização dos lados (do ponto de vista do jornal) já feita, seria demasiado custoso manter diversos correspondentes por todo esse tempo. De qualquer maneira, o jornal sempre teve um ou outro jornalista próprio na Espanha.

No período em que a cobertura baseou-se mais em agências de notícias e jornais estrangeiros, as reportagens adquiriram um cunho menos pessoal do que antes, descrevendo cada vez menos as experiências próprias dos correspondentes para conseguir informações e como foram tratados pelos milicianos, militares ou civis. Contudo, isso não quer dizer que a cobertura deixou de ser parcial. Ela continuou a ocorrer, majoritariamente, do ponto de vista

---

<sup>15</sup> Em muito devido à proximidade ideológica de Salazar com o *Bando Nacional*.

<sup>16</sup> NEWS MUSEUM. **Guerra Civil de Espanha**: as bancas de jornais como trincheiras. Disponível em: <<https://www.newsmuseum.pt/pt/na-frente/bancas-de-jornais-como-trincheiras>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

dos *Nacionales*, porém, passando a relatar em sua maioria as ações militares em si, favorecendo a imagem dos Revoltosos, mas com menos entrevistas.

Nesse subcapítulo meu objetivo não é me aprofundar quanto a biografia dos correspondentes, mas apenas abordar algumas questões relevantes para a pesquisa em relação a jornalistas específicos, como suas funções, para onde foram inicialmente e um ou outro episódio ou relato marcante (se tiver). Nem todos os colunistas e enviados do jornal serão abordados aqui.

Em um primeiro momento os jornalistas Norberto Lopes, Artur Portela, Felix Correia, Rogerio Perez e Mario Neves, assim como o fotógrafo Denis Salgado, foram para a Espanha. Ao longo desses anos o Diário chegou a contar com outros colunistas e correspondentes. Artur Portela e Norberto Lopes são os mais frequentes nas páginas do jornal.

### 2.2.1 JOAQUIM MANSO

Manso foi diretor do jornal durante 35 anos, estando à frente do cargo durante todo o período abordado pela pesquisa. Ele dispunha de experiência jornalística prévia: tinha sido redator principal do jornal “A Pátria”, até 1921, e colaborara em algumas revistas, como “Arte e Vida” (1904-1906) e “Atlântida” (1915-1920). Contudo, o Diário de Lisboa seria o grande desafio de sua carreira profissional, o notabilizara como jornalista, escritor e ensaísta. O periódico certamente foi uma importante plataforma de divulgação da sua obra literária, por diversas vezes, anúncios e matérias sobre seus livros foram veiculados em suas páginas.

### 2.2.2 NORBERTO LOPES

Foi o chefe da redação e o primeiro correspondente português a se deslocar para a Espanha. Tal fato foi repercutido pelo próprio periódico como um trunfo jornalístico. Norberto, assim como os outros enviados, conseguiu diversas entrevistas com líderes do movimento e reportou a rotina de vida nas regiões dominadas pelos *Nacionales*.

No dia 2 de Agosto de 1936 o próprio jornal destacava a permissão concedida ao correspondente para circular livremente pela coluna dos *Nacionales*<sup>17</sup>; o chefe da redação relatava, contudo, as dificuldades de fazer uma cobertura jornalística diante da censura

---

<sup>17</sup> Diário de Lisboa, nº 4924, Ano 16, Domingo, 2 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06214>>. Acesso em: 3 maio 2021.

vigente, tanto em Madrid quanto entre os Revoltosos<sup>18</sup>. No dia 6 de agosto o próprio Norberto Lopes admite que falta um ponto de vista dos embates desde a ótica do governo<sup>19</sup>. Afinal, os correspondentes estavam nas regiões rebeldes. Tais discussões mais técnicas, com o tempo, vão sumindo da cobertura do jornal. Lopes abordava de maneira amistosa sua relação com os *Nacionales*, chegando a aparecer em fotos com autoridades importantes do movimento, como pode ser visto na imagem 1, onde se encontra ao lado do coronel Rada (comandante da coluna dos “requetés”).

**Imagem 1 – Foto Norberto Lopes com o capitão Súnico, coronel Rada e o tenente Martinho Caldeira Ribeiro<sup>20</sup>**



**o nosso enviado especial sr. dr. Norberto Lopes, em Leganés, tendo à direita o capitão Súnico e à esquerda o coronel Rada, comandante da coluna de «requetés», e o português Martinho Caldeira Ribeiro, tenente do estado maior de Rada**

*(Foto Deniz Salgado feita com película «Gevaerts»)*

Fonte: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06346#!5>

### 2.2.3 ARTUR PORTELA

Inicialmente enviado especial na frente de Guadarrama, foi um dos correspondentes mais frequentes nas páginas do jornal, chegando a publicar um livro sobre o conflito, "Batalha

<sup>18</sup> Diário de Lisboa, nº 4925, Ano 16, Segunda, 3 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06215#!4>>. Acesso em 2 maio 2021.

<sup>19</sup> Diário de Lisboa, nº 4928, Ano 16, Quinta, 6 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06218#!5>>. Acesso em 3 maio 2021.

<sup>20</sup> Diário de Lisboa, nº 5041, Ano 16, Sábado, 28 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06346#!5>>. Acesso em 7 fev. 2021.

Humana". Portela foi o primeiro jornalista português a entrar na zona de operações. Conseguiu realizar diversas entrevistas com nomes importantes do *Bando Nacional*, como Mola, Yagüe, Castejón e Varela. A sua presença entre as forças *Nacionales* era bem destacada, com descrições dos campos de batalha após o termino dos conflitos. O próprio jornal enfatizava seus esforços de movimentação entre diferentes setores da guerra<sup>21</sup>. Em 1º de outubro de 1936 o jornalista apareceu em uma foto do “Seculo” entre o general Franco e o Coronel Moscardó, fato repercutido pelo Diário de Lisboa, com pode ser visto na Imagem 2. Portela foi um dos primeiros jornalistas a cobrir a situação de uma cidade logo após ela ser tomada, como ocorreu em Talavera de la Reina, quando o correspondente entrou e descreveu a situação do local após os embates militares, sem grandes polêmicas<sup>22</sup>.

### **Imagem 2 – Artur Portela entre o general Franco e o Coronel Moscardó<sup>23</sup>**



Fonte: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06283#>

#### **2.2.4 FELIX CORREIA**

Inicialmente enviado a Andaluzia, chegou em Sevilha para acompanhar as colunas do Sul, que planejavam marchar sobre Madrid. Realizou uma entrevista com Queipo de Llano e

<sup>21</sup> Diário de Lisboa, nº 4962, Ano 16, Quarta, 9 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06257>>. Acesso em: 3 maio 2021.

<sup>22</sup> Diário de Lisboa, nº 4966, Ano 16, Domingo, 13 de Setembro de 1936 OU 15, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06262#!4>>. Acesso em 3 fev. 2021.

<sup>23</sup> Diário de Lisboa, nº 4984, Ano 16, Quinta, 1 de Outubro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06283#>>. Acesso em 3 maio 2021.

com o próprio Franco, na primeira entrevista do general após o golpe (RODRÍGUEZ, 2003, p. 16). Outro momento a se destacar é quando ele afirma que em Andaluzia o movimento “Nacionalista” o faz lembrar do Nazismo<sup>24</sup>. O correspondente afirma não dizer isso com base apenas na identidade das suas ideologias, mas também pelos seus aspectos exteriores de exaltação patriótica, saudações, culto aos mártires, emulação dos vários corpos militares, e das várias milícias civis fardadas. Cabe lembrar que, posteriormente, nos anos 40, o jornalista foi um notório propagandista nazi em Portugal, com atuação destacada (nesse quesito) na revista “A Esfera”, onde foi editor e diretor (p. 41)<sup>25</sup>. Durante os anos de Guerra Civil Espanhola, atuando pelo Diário de Lisboa, Correia se mostrou um correspondente parcial, fazendo fortes juízos de valor e demonstrando certo desprezo pelos republicanos, a quem chamava de “marxistas”. Também publicou um livro sobre o conflito chamado “Quem vem lá?”.

### 2.2.5 MARIO NEVES

Filho de um célebre periodista português, Mario Neves é hoje reconhecido como um dos maiores jornalistas portugueses do século vinte<sup>26</sup>. Na época, ainda com 24 anos, reportou os acontecimentos em Badajoz. O que se passava na região era de importância ímpar para Portugal, afinal, a batalha ocorria praticamente na fronteira portuguesa. Também o era para os *Nacionales*, pois era um ponto chave para estabelecer uma comunicação direta entre o Exército do Sul (comandado por Franco) e o Exército do Norte (comandado por Mola). É um dos episódios mais conhecidos do conflito. Em sua crônica, ele informou que assistira as ações em Badajoz do alto da torre do posto da Aduana do Caia, descrevendo as trevas na qual a cidade estava mergulhada durante os embates<sup>27</sup>.

No dia 15 de agosto, com o fim do barulho intenso da artilharia e a vitória dos *Nacionales*, o correspondente contou seus esforços para entrar na cidade<sup>28</sup>. Quanto a situação local, Neves descreveu o cenário de destruição que encontrou e chegou a conseguir uma breve

---

<sup>24</sup> Diário de Lisboa, nº 4935, Ano 16, Quinta, 13 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06225#!5>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

<sup>25</sup> Disponível em: <[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/369/9/16217\\_Tese\\_09\\_CorpoPrincipal\\_v16.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/369/9/16217_Tese_09_CorpoPrincipal_v16.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2021.

<sup>26</sup> MUSEU DA TV. Mário Neves. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografia/mario-neves>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

<sup>27</sup> Diário de Lisboa, nº 4936, Ano 16, Sexta, 14 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06226>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

<sup>28</sup> Diário de Lisboa, nº 4937, Ano 16, Sábado, 15 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06228>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

entrevista com Yagüe, quem comandava as operações. O próprio confirmou que haviam prisioneiros, mas desconversou quando perguntado sobre os, pelo menos, dois mil fuzilamentos ali ocorridos. No dia 16, o jornal reportou no subtítulo de uma manchete que “A justiça militar prossegue com inflexível vigor”<sup>29</sup>. Esse era o tom em que o Diário conseguia abordar os massacres cometidos em Badajoz, uma denúncia contida, com eufemismos nos títulos, sem tratar da questão de maneira mais frontal. Na matéria em si, comentou sobre uma suspeita fumaça no horizonte, no cemitério da cidade: “Que será? Não é possível sabê-lo, ninguém me consegue explicar o fenómeno.” Logo em seguida, não por acaso, informava que desde ontem centenas de pessoas tem “perdido a vida” e não há tempo para lhes dar sepultura<sup>30</sup>. Na mesma edição, reportava: “Passámos depois pelo fosso da cidade, que está ainda amontoado de cadáveres. São os fuzilados desta manhã”. Em outro trecho apontava que “Os oficiais com quem falámos não nos deixaram chegar à parada do quartel, afirmando-nos peremptoriamente que não se fizeram ali fuzilamentos.”. Em seguida, reportava que nas ruas já não se via, como no dia anterior, cadáveres “insepultos”, segundo afirmavam pessoas da região. Os legionários do Tercio e os “regulares” marroquinos deixavam os corpos apenas por algumas horas expostos, para que “o exemplo produza os seus efeitos”. Contava também o método para se escolher os executados: os que tivessem marcas de espingarda no peito, pois haviam aberto fogo durante muito tempo, certamente estavam condenados.

Os acontecimentos de Badajoz constituíram um dos momentos mais explícitos de denúncia quanto as atrocidades cometidas pelos *Nacionales*, especialmente por ser um dos primeiros episódios com grande repercussão. É importante levar em conta que o massacre foi visto e reportado por Mario Neves e dois jornalistas franceses (Marcel Dany e Jacques Berthel)<sup>31</sup>, mas, ao menos em Portugal, foi apresentado ao público de maneira relativamente discreta. Apesar de falar dos assassinatos em massa, o texto, mesmo assim, parece estar se esgueirando dentro dos limites da censura. De qualquer forma, os relatos tiveram grande repercussão, até mesmo no contexto internacional. Uma próxima matéria do correspondente acabou censurada<sup>32</sup> e só seria publicada em 1963, no livro “El Mito de la cruzada de Franco”, de Herbert Southworth. Em 1985 Neves publicaria um livro de memórias contando sobre o caso.

<sup>29</sup> Diário de Lisboa, nº 4938, Ano 16, Domingo, 16 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06229>>. Acesso em 23 abr. 2021.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> VIEIRA, Rui Aballe. **Tomar o Pulso ao Tigre**: Missões Militares Portuguesas em Espanha, entre a vigilância e a cooperação (1934 – 1939). 2011. 246 f. Tese (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

<sup>32</sup> NEW MUSEUM. Mário Néves. Disponível em: <<https://www.newsmuseum.pt/pt/imortais/mario-neves>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

De qualquer maneira, o jornalista não esteve entre os correspondentes mais frequentes ou que mais receberam espaço no jornal. Apesar de suas limitações, levando em conta a censura vigente, certamente seu relato foi de grande relevância histórica.

#### 2.2.6 JORGE BOTELHO MONIZ / X.Y.Z.

Jorge Botelho Moniz foi um dos “cadetes de Sidónio”. Ideologicamente estava situado na confluência entre o “sidonismo” e as correntes “proto-fascistas” nascentes, chegando a conspirar ativamente contra a I República na década de 20. Como capitão da artilharia durante o governo Salazar fez parte de uma missão oficial de observadores na Espanha, a M.M.P.O.E (*Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha*), que buscava conhecer melhor o exército espanhol e estudar as novas práticas de combate da guerra moderna. Houveram missões especiais em 1934 e 1936, mas apenas em março de 1937 foi oficialmente estabelecida pelo governo português como um esforço permanente (encerrando suas operações em 1939). Apesar de partir do pressuposto de uma proximidade entre o governo de Burgos e o Estado Novo, parte das motivações por trás da M.M.P.O.E. vinham do medo, ainda presente na mente de alguns oficiais portugueses, do “perigo espanhol”. Esse receio quanto a um expansionismo do país vizinho, uma ameaça à soberania de Portugal, certamente era mais acentuado diante das forças “Vermelhas” envolvidas no conflito. Contudo, os temores quanto aos elementos conservadores e reacionários da Espanha não eram nulos, já que, por vezes, apresentavam uma intenção imperialista “iberista” mais comum do que se imaginava (VIEIRA, 2011, p. 104).

Quanto a figura de Botelho Moniz, este certamente conquistou a gratidão dos Revoltosos quando botou a sua emissora, o Rádio Clube Português, a serviço propagandístico dos *Nacionales*. É dito que a estação basicamente se tornou uma rádio oficial dos rebeldes, chegando a contar com transmissões em castelhano e retransmissões da *Radio Sevilla* (especialmente utilizada por Queipo de Llano). Tal fato foi de grande importância para o movimento, já que no início da guerra a maior parte dos emissores espanhóis de grande alcance encontrava-se ainda na zona controlada pelo governo Republicano. Para Portugal, Jorge Botelho Moniz foi um militar relevante que exerceu importantes funções estratégicas, sendo um grande entusiasta da causa dos *Nacionales* e defensor de uma maior “fascistização” da ditadura Salazarista. Dados os seus esforços propagandísticos, é natural que além de sua rádio, também participasse de algum jornal relevante, como de fato o fez nas páginas do Diário de Lisboa.

No dia 5 de Novembro de 1936, os correspondentes Norberto Lopes e Artur Portela reportaram como viram de perto a guerra “Graças á intervenção do capitão Jorge Botelho Muniz, o prestigioso director do Radio Club Português, junto do general Varela”<sup>33</sup> enfatizando como lhes foi permitido acompanhar o ataque a Getafe. No mesmo ano, o capitão, que no momento estava se deslocando com as tropas do general Varela, tratava de desmentir “algumas fantasias vindas a publico”<sup>34</sup> quanto aos *Nacionales*. É importante lembrar que em 1936 a M.M.P.O.E ainda não estava plenamente estabelecida, mas Botelho, já na Espanha, exercia sua função.

Em 1937 o capitão da artilharia passou a publicar reportagens no jornal, sendo autor de uma crônica relativamente constante em agosto do mesmo ano. A chamada “CRONICA MILITAR”, se mostrou sempre muito parcial, e foi assinada como “Cap. Jorge Botelho Moniz”. Em 1938 a sua presença no Diário se intensificou, mantendo a seção mais parcial das edições do jornal. Em uma coluna, por exemplo, afirmava que o número de voluntários italianos e alemães é escasso, chamava os *Nacionales* de “verdadeiro governo espanhol” e alegava que “Burgos não é Barcelona. O orgulho patriótico dos nacionalistas nunca suportará influencias de estranhos.”<sup>35</sup>. No dia 1º de abril do mesmo ano, foi anunciado no jornal que o cronista iria se “ausentar para o estrangeiro”<sup>36</sup> e que a “Crônica Militar” passaria a ser assinada por um tal X.Y.Z.<sup>37</sup>, o que não ocorreu por coincidência. Nesse momento, a M.M.P.O.E. havia acabado de ser estabelecida como uma missão permanente na Espanha, e Botelho Moniz iria voltar ao país como um dos seus nomes mais importantes.

Apesar de o jornal não se preocupar em esconder nas edições seguintes qual foi o destino do capitão, chegando a chama-lo de “comandante dos “Viriatos”<sup>38</sup>, o X.Y.Z. assinado em suas crônicas era, de fato, um pseudônimo do mesmo, o que foi revelado pelo próprio

---

<sup>33</sup> Diário de Lisboa, nº 5018, Ano 16, Quinta, 5 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06322#!5>>. Acesso em: 6 fev, 2021.

<sup>34</sup> Diário de Lisboa, nº 5025, Ano 16, Quinta, 12 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06329#!4>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

<sup>35</sup> Diário de Lisboa, nº 5501, Ano 17, Quarta, 16 de Março de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06815#!8>>. Acesso em: 10 maio 2021.

<sup>36</sup> Diário de Lisboa, nº 5517, Ano 17, Sexta, 1 de Abril de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06833#!8>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Diário de Lisboa, nº 5871, Ano 18, Terça, 28 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07225>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

jornal assim que a guerra é apontada como concluída<sup>39</sup>. As razões que motivaram tal procedimento são incertas, é possível que estejam relacionadas aos esforços do governo português de se dissociar de qualquer intervenção direta no conflito, afinal, Botelho era um oficial do exército. Contudo, o Diário não faz muito esforço para esconder onde o seu cronista foi, chegando até a exagerar a sua participação na guerra, atitude que pode ser considerada contraditória<sup>40</sup>.

### 2.3 Agências de Notícias

No início do conflito o jornal utilizava a *Havas* (francesa) e a *United Press* (americana) como fontes de informação. Porém, ainda em agosto de 1936, devido a um suposto telegrama que “carecia de fundamento”<sup>41</sup> fornecido à imprensa pela *United Press*, o jornal anunciava que rescindiu o seu contrato com a mesma. Em 1937 continuava reportando por intermédio da *Havas* e passava a contar, também, com a *D.N.B.*, uma agência estatal alemã, que durante o período estava submetida ao controle do Ministério de Propaganda nazista. Nos meses finais do conflito o jornal voltou a utilizar os serviços da *United Press* como fonte.

Não é possível perceber uma grande diferença nas notícias de agência para agência, até por que além de resultarem do crivo de escolhas editoriais do jornal ainda passavam pela censura. A cobertura mantinha o seu viés geral de abordagem a partir do ponto de vista dos *Nacionales*, independente da agência. É possível dizer com certeza, que a agência *Havas* foi mais utilizada e que a *D.N.B.* certamente foi a mais parcial em relação a Alemanha. Além disso, as escolhas feitas pelo editorial quanto ao que era publicado ou não, são mais relevante para a pesquisa do que uma análise específica das notícias reportadas por cada agência e publicados no periódico, dadas as questões acima tratadas.

---

<sup>39</sup> Diário de Lisboa, nº 5872, Ano 18, Quarta, 29 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07226>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>40</sup> Mais a respeito será tratado no capítulo sobre os Viriatos

<sup>41</sup> Diário de Lisboa, nº 4932, Ano 16, Segunda, 10 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06222#!4>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

### 3 O BANDO NACIONAL NAS PÁGINAS DO “DIÁRIO DE LISBOA”

Desde o início da cobertura feita pelo jornal a heterogeneidade do *Bando Nacional* é relativamente bem abordada, sendo possível perceber quem são os principais nomes e setores envolvidos nos embates. Os generais recebem um justificado destaque, que varia de acordo com a proximidade dos correspondentes ou acontecimentos de maior impacto relacionados. Entrevistas são muito comuns nos primeiros meses, assim como crônicas sobre os soldados em batalha, nos seus momentos de descanso, além de descrições da situação e do dia a dia em territórios já sob controle dos *Nacionales*. Com o avanço do conflito a cobertura se volta mais para as batalhas em si, reduzindo-se as entrevistas com os comandantes, apesar de ainda serem frequentes nos relatos. Em consequência da menor presença de cronistas falando das retaguardas *Nacionales* a população civil perde o espaço que vinha recebendo, assim como as descrições mais detalhadas do ambiente geral das cidades. Apesar disso, não somem completamente das páginas do Diário de Lisboa.

Alguns setores que compunham significativamente a base de apoio do *Bando Nacional*, mas que não estavam diretamente envolvidos no campo de batalha, costumam ter pouca presença, apesar de serem citados. É o caso dos ligados à igreja. Existem algumas menções a alguns clérigos, mas de maneira razoavelmente discreta e tangencial. O jornal chega a destacar alguns fatos específicos em relação ao governo de Franco, como na vez em que reportou o próprio Papa abençoando a obra de assistência social da Falange<sup>42</sup> e quando noticiou a pressão do Vaticano para atenuar “os horrores da guerra”<sup>43</sup> (o que não é mostrado em tom de denúncia). Contudo, o catolicismo e a fé sempre são mostrados como valores implícitos entre os *Nacionales*. Por exemplo, na edição do dia 26 de dezembro de 1936, em pleno inverno, é dito que mesmo durante as épocas mais duras os soldados “nacionalistas” não esquecem dos seus deveres católicos, e mostra imagens de uma missa improvisada<sup>44</sup>.

Quanto aos grandes proprietários e demais membros da chamada burguesia, o jornal cita tangencialmente alguns “financiadores” dos *Nacionales* em uma entrevista com o presidente do “Circulo de Labradores y Proprietarios”, porém é o setor menos abordado entre

<sup>42</sup> Diário de Lisboa, nº 5650, Ano 18, Sábado, 13 de Agosto de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.06986>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

<sup>43</sup> Diário de Lisboa, nº 5508, Ano 17, Quarta, 23 de Março de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p.8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06823#!8>>. Acesso em 7 mar. 2021.

<sup>44</sup> Diário de Lisboa, nº 5066, Ano 16, Sábado, 26 de Dezembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p.12 e 13. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06372#!12>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

os apoiadores do golpe. Na matéria em questão, destaca que “los señores del Casino” se têm portado como “grandes patriotas”<sup>45</sup> por colocar boa parte de suas fortunas à disposição do governo de Burgos, além de contribuir com donativos e até mesmo participar dos combates e vigilância. Contudo, o jornal não relata muito além disso.

O papel das mulheres *Nacionales* na guerra é abordado brevemente. Alguns trechos chegam a enfatizar elas fardadas, de modo que “seguem o exemplo das milicias marxistas”. Pilar Primo de Rivera, a chefe da Falange Feminina (e irmã de José António Primo de Rivera), é exaltada pelo Diário por visitar as frentes de batalha e os hospitais. Por vezes, o modo como algumas empunham armas e substituem os homens que partiram para o combate também é relatado. Porém, de modo geral, são citadas em poucos trechos, onde são descritas saudando as tropas e destaca-se o fato de trabalharem como enfermeiras, além de enfatizarem a sua beleza. Assim como no caso dos membros ligados à Igreja, o envolvimento direto das mulheres no campo de batalha é consideravelmente menor ao que ocorreu no lado Republicano. Sendo assim, dado o foco do jornal, é uma abordagem até esperada e justificada por esse aspecto.

A diferenciação entre os diversos grupos políticos de espanhóis que compõem o *Bando Nacional* costuma ser bem abordada. Nos primeiros dias chega a mencionar a presença de militantes de partidos e agrupações partidárias como a CEDA, por exemplo, mas que por logo terem sido dissolvidos acabam sumindo dos relatos. Geralmente, o Diário usa o termo “milicianos” apenas para os Republicanos, ao tratar dos *Nacionales* costuma se referir pelo grupo específico (falangistas ou requetés). Por outro lado, o Exército da África, que contava com tropas coloniais é razoavelmente citado, por vezes, de maneira pejorativa (mesmo quando a intenção é elogiá-los). Costumam ser chamados pelo jornal de “mouros” e muitas vezes são retratados como mais “selvagens” e “violentos” que as demais tropas *Nacionales*. Ironicamente, seus atos foram retratados de maneira mais fidedigna, sem preocupações de amenizar as suas ações. Nesse caso, o erro está em serem basicamente os únicos abordados desse modo, já que, na prática, diversos massacres foram cometidas pelas mais diversas unidades do exército Rebelde.

Depois dos militares, os falangistas certamente são o grupo mais destacado nas páginas do jornal durante o primeiro ano de conflito. Os monarquistas tem seu espaço, mas são menos enfatizados. O jornal destaca o contraste entre as cores dos trajes dos fascistas

---

<sup>45</sup> Diário de Lisboa, nº 5112, Ano 16, Sábado, 13 de Fevereiro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06419#!4>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

espanhóis e das milícias requetés. Por mais de uma vez é dito que os monárquicos participam no movimento mais “desinteressadamente”, sem impor condições ou grandes exigências. Assim como com os falangistas, mostra-se a oposição aos valores e práticas dos “Vermelhos” como justificativa suficientemente válida para lutarem lado a lado. Porém, com o desenrolar da guerra, esses grupos minoritários vão perdendo espaço, e sua presença se torna cada vez menos frequente nas páginas do Diário de Lisboa. Tal processo ocorre devido a alguns fatores como: a mudança na abordagem feita pelo jornal (menos correspondentes e mais ênfase nas batalhas), a morte de José António Primo de Rivera (o principal líder falangista) e como consequência de medidas centralizadoras impostas por Franco. Os militares recebem grande destaque, principalmente na figura dos generais. Mesmo os de baixa patente são constantemente abordados, até por geralmente estarem no campo de batalha ou a caminho de um.

Desse modo, durante os primeiros meses de conflito o foco na variedade de forças reunidas pelos *Nacionales* é frequente. Em 2 de agosto de 1936 Norberto Lopes reporta que chegam voluntários a todo momento, com cantos e aclamações entusiasmadas<sup>46</sup>. Voluntários de várias formações militarizadas com seus trajes característicos “Um verdadeiro arco-íris de fé patriótica”<sup>47</sup>. Fala dos diversos símbolos, fascios e cruces que carregam, as bandeiras que empunham. “Um e outras exibem na lapela uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, sob cuja invocação partiram, alegres e confiados, os voluntários que se dirigem para o Escorial”. Afirma que os “uniformes do exercito quasi desaparecem sob a mescla variegada dos fardamentos das organizações civis.” Destaca a variedade “Há de tudo. “Requetés”, orgulhosos, como os soldados flandrinós dos tercios de Carlos V; falangistas impacientes de combates e de ajustar contas com Madrid, não lhe deixando, se fôr preciso, pedra sob pedra;” e os mais discretos da Acção Popular de Gil Robles “com a sua camisa “cow-boy” de kaki mostarda”. E ainda brinca “Alem da Guerra civil, há outra guerra, em Avila: a dos cafés, menos mortífera, felizmente. Cada estabelecimento tem as cadeiras e as mesas pintadas das cores dos uniformes mais populares.”

A relação entre as duas principais milícias do movimento também é tratada pelo General Varela em entrevista ao jornal: “Entre os da “Falange” os “Requetés” haverá certa

---

<sup>46</sup> Diário de Lisboa, nº 4924, Ano 16, Domingo, 2 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1 . Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06214>>. Acesso em: 7 maio 2021.

<sup>47</sup> Diário de Lisboa, nº 4924, Ano 16, Domingo, 2 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06214>>. Acesso em: 7 maio 2021.

rivalidade, mas apenas pelo desejo de uns a outros se excederem na ferocidade.”<sup>48</sup>. O jornal chega a destacar que entre as duas novas forças espanholas “reina a melhor amizade”, cada um com sua crença, os da boina vermelha pela “tradição e pela fé por Cristo Rei”; os de mono azul e das cinco flechas reunidas, pelas “suas novas, idéas, pelo chefe que já anda na lenda, o encoberto, como o nosso D. Sebastião, dado por uns como morto, e pela maioria como ferido e como escondido, para aparecer na hora própria.”<sup>49</sup>. Em síntese, retrata ambos como diferentes mas apresenta-os de maneira amistosa. Na mesma edição, o correspondente Rogerio Perez chega a especular que os falangistas talvez poderão ser senhores da Espanha no futuro, e destaca a coragem das tropas do Tercio que “só temem a artelharía e o bombardeio da Aviação. Uma bala não risca para eles. Só por azar uma bala pode matar. E se matar... “Viva la Muerte”!”<sup>50</sup>.

Do ponto de vista ideológico, o jornal discute normalmente a questão da restauração monárquica. Mostra que existem diferentes correntes dentro do movimento, mas sem grandes polêmicas, por vezes até afirmando que é uma questão que “vive apenas na mística dos “requetés” tradicionalistas”<sup>51</sup>, que deixam de lado suas reivindicações. Mostra o próprio Franco confirmando essa “colaboração desinteressada” dos monárquicos <sup>52</sup>. O Diário apresenta um bom panorama da doutrina política e ideológica dos requetés: são monarquistas, tradicionalistas e católicos “Por Dios, por la Patria y por EL Rey”<sup>53</sup>, ainda destaca que estão perfeitamente militarizados, e romantiza-os, dizendo que são os que melhor se têm portado em frente do inimigo, sendo os mais desapaixonados, que, supostamente, vieram para a luta sem ódios ou truculências perigosas.

Contudo, além dos generais, os falangistas são o grupo mais romantizado pelo jornal. Costumam aparecer mais nas reportagens relatando situações na retaguarda, exercendo funções entre a população civil. Quase sempre são retratados de maneira positiva, sendo amistosos em relação à Portugal, chegando até a auxiliar os correspondentes em seu trabalho.

---

<sup>48</sup> Diário de Lisboa, nº 4954, Ano 16, Terça, 1 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06248#!5>>. Acesso em: 10 maio 2021.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Diário de Lisboa, nº 5331, Ano 17, Terça, 21 de Setembro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06643#!5>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

<sup>52</sup> Diário de Lisboa, nº 5146, Ano 16, Sexta, 19 de Março de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06453#!8>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

<sup>53</sup> Diário de Lisboa, nº 5041, Ano 16, Sábado, 28 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06346#!5>>. Acesso em: 8 maio 2021.

O líder original do movimento, António Primo de Rivera, é bem quisto pelo periódico e até mesmo seu (breve) sucessor, Manuel Hedilla, foi apresentado ao público. Seu viés ideológico é apresentado e sua proximidade dos nazistas e fascistas italianos bem enfatizada. Ainda em 1936, uma crônica conta um acontecimento relacionado aos milicianos de maneira poética, praticamente um “conto de fadas” fascista:

Os falangistas cortaram a soturnidade do momento entoando o seu hino cheio de sol e de primavera. Em poucos instantes, o côro propagou-se a todos os cantos da praça. Os corações mais frios aqueceram nas chamas daquele entusiasmo ardente. Os cafés esvaziaram-se e toda a gente veio para a rua-para vêr o que não se via. Quando muito, duas estrelas doiradas que cintilavam entre nuvens, duas estrelas de natal, que dezembro já se aproxima. (DIÁRIO DE LISBOA, 1936, p. 11).<sup>54</sup>

Apesar de os legionários marroquinos serem destacados como uma poderosa infantaria pelo periódico, os “mouros” são abordados de maneira racista, o que não surpreende vindo de um jornal português de 1936 que trata o colonialismo luso com naturalidade. Em texto de M. Ortigão Burnay, o autor questiona o fato de eles lutarem pelos *Nacionales*, e que apesar de “comer com os dedos, cobertos de terra, com o turbante suado e as unhas pretas” ele afirma que “nós” continuaremos a dizer que os “mouros” são “muito menos sujos do que muitos daqueles que, no fundo, são “centrifugamente” muito mais “nauseabundos” do que eles (se referindo aos Republicanos). E conclui o texto afirmando que, apesar disso, ao menos eles defendem os valores que fizeram a Espanha se tornar o que se tornou mais do que os espanhóis “marxistas”<sup>55</sup>. O jornal ainda reporta visitas como a do “O grão-vizir de Marrocos em Salamanca”, Sibi Mohamed Ben Ali, que foi à Espanha para entrar em contato com os dirigentes *Nacionales*. É dito ainda que ele levou à Espanha nacionalista “a saudação de Marrocos, que participa na luta contra o marxismo com todos os meios necesarios”<sup>56</sup>.

Quanto aos civis, relatos sobre a euforia patriótica da população ou a respeito da volta à normalidade nos territórios *Nacionales* são relativamente comuns, especialmente nesses primeiros momentos de guerra quando os correspondentes do jornal dominavam as páginas e as descrições da guerra tinham um maior tom de experiência e percepção pessoal. Desse modo, houveram diversos relatos da situação dos civis e do ambiente nas regiões, com relatos quanto a celebrações religiosas e festividades nacionais. Exemplos podem ser vistos em

<sup>54</sup> Diário de Lisboa, nº 5018, Ano 16, Quinta, 5 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 11. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06322#!11>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

<sup>55</sup> Diário de Lisboa, nº 5019, Ano 16, Sexta, 6 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 11. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06323#!11>>. Acesso em: 8 maio 2021.

<sup>56</sup> Diário de Lisboa, nº 5144, Ano 16, Quarta, 17 de Março de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06451#!8>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

notícias de nomes do baixo e alto escalão indo à missa, Franco “sendo ovacionado e saudado repetidamente com os braços estendidos” pela população em um parada<sup>57</sup>, e até mesmo um desfile das juntas das milícias compostas por crianças tem seu espaço<sup>58</sup>.

Quanto a um governo futuro, o antiliberalismo e anticomunismo são campo comum entre as partes. Dado o contexto internacional da época, Franco afirma sem receios que “a Espanha será totalitária”<sup>59</sup>, mas observa que haverá muitas características originais, não será apenas uma simples imitação dos governos português, italiano ou alemão. O Caudilho também tenta desmistificar a afirmação de que apenas as classes dos proprietários, clero e patrões lhes apoiavam, e diz que a luta na Espanha “não é uma luta de classes sociais mas uma luta entre o bem e o mal”. Ainda complementa que a “verdadeira Espanha” luta contra a Rússia e os seus satélites, se opondo à anarquia pela ressurreição da nação. Como de costume, o jornal publica normalmente as falas de *Nacionales*, reproduzindo a sua narrativa de maneira acrítica. O periódico também ressalta o processo de unificação política imposto por Franco, por vezes até enfatizando o apoio da população<sup>60</sup>.

O poder bélico dos *Nacionales* e sua inegável superioridade militar é bem apresentada no conteúdo transmitido pelo jornal. Porém, a razão por trás dessa supremacia, a origem dos diversos armamentos, tanques e aviões, que são fornecidos pela Itália e Alemanha, é, de fato, ocultada.

Do lado dos nacionalistas há dezenas de trimotores de bombardeamento e centenas de aviões de caça; artilharia pesada e ligeira moderníssima da qual grande parte tem sido tomada aos governamentais; dezenas de carros de assalto pequenos e de grandes “tanks” blindados, ainda por estrear e próprios para a ocupação de cidades; mais de 20.000 legionários e marroquinos; inescancelável tropa de choque; cavalaria metropolitana e colonial; centenas de milhares de milicianos repartidos por diversos grupos, que, embora sem preparação militar que permita a sua utilização em operação tão decisiva como o ataque a Madrid, prestam inestimáveis serviços na “limpeza” dos flancos, na conquista das aldeias e na liquidação do “paqueo” nas terras conquistadas.

---

<sup>57</sup> Diário de Lisboa, nº 5197, Ano 17, Segunda, 10 de Maio de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06506#!8>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Diário de Lisboa, nº 5146, Ano 16, Sexta, 19 de Março de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06453#!8>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

<sup>60</sup> Diário de Lisboa, nº 5180, Ano 17, Sexta, 22 de Abril de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06487#!8>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Do lado do governo de Madrid, o que ha? Muitos milhares de milicianos cheios de ardôr combativo quando começou a luta, mas em cujo moral é optimista confiar, depois de tantos e tão grandes derrotas... (DIÁRIO DE LISBOA, 1936, p. 5).<sup>61</sup>

Em outro momento aborda a questão do uso da bandeira bicolor (monárquica) ou tricolor (republicana) e seu peso simbólico. Apesar de os *Nacionales* ainda não terem uma definida e o movimento não ser inteiramente monarquista, o uso da bandeira tricolor, com a terceira listra roxa, parece não ocorrer entre os revoltosos. A bandeira adotada após a proclamação da República acabou abandonada pelas diversas forças Sublevadas em prol da vermelha e ouro, o que era interpretado como um claro apoio ao *Bando Nacional*, fato destacado pelo jornal. Em uma entrevista com Franco, o general chega a falar que a questão da bandeira seria algo a se definir depois (a bandeira de fato foi alterada após o fim da guerra), e ainda acrescenta que “Até lá que cada um use a bandeira que quizer” desde que ela não tenha um significado “anti-espanhol”, e elogia a tradição da “vermelho e oiro”<sup>62</sup>. Além disso, reconhece a presença de bandeiras italianas e alemãs, com algumas até aparecendo em fotos posteriormente, como pode ser visto na Imagem 3<sup>63</sup>.

### Imagem 3 – Crianças espanholas saudando à romana com bandeiras ao fundo



A juventude espanhola manifesta-se ruidosamente contra o bolchevismo, or guando, ao lado do estandarte vermelho e ouro, as bandeiras da Alemanha, da Italia e de Portugal

Fonte: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06377#!15>

<sup>61</sup> Diário de Lisboa, nº 5014, Ano 16, Domingo, 1 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06317#!5>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

<sup>62</sup> Diário de Lisboa, nº 4932, Ano 16, Segunda, 10 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 11. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06222#!11>>. Acesso em: 8 maio 2021.

<sup>63</sup> Diário de Lisboa, nº 5071, Ano 16, Quinta, 31 de Dezembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 15. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06377#!15>>. Acesso em: 10 maio 2021. .

Em alguns momentos o jornal apresenta uma cobertura mais idônea, longe da narrativa ensaiada dos órgãos oficiais do *Bando Nacional*, apresentando análises mais críticas dos Sublevados. Em 1937, por exemplo, o periódico repercute uma matéria da “Times” de um correspondente próprio em Sevilha<sup>64</sup>. O texto aponta que o movimento de Franco continua a ser um núcleo, relativamente pequeno, de “patriotas entusiastas” agrupados em volta de um núcleo de tropas regulares, e que, apesar de na Espanha “nacionalista” o movimento gozar do apoio de parte significativa da população (talvez até da maioria) a continuidade desse apoio depende da continuidade do sucesso. Contudo, apesar de momentos assim, em outros, o Diário também reproduz uma narrativa enviesada e inquestionavelmente falsa, como na concepção de que Madrid e Burgos representam a velha batalha entre cristãos e “mouros”. Percepção irônica do que acontecia, já que as tropas coloniais marroquinas foram utilizadas pelos *Nacionales*, os “representantes” do cristianismo.

Tendo isso em vista, é possível dizer que a presença e as especificidades dos diferentes grupos e setores que compõem o *Bando Nacional* são relativamente bem abordadas, apesar de omissões relacionadas a participação das potências fascistas e exageros em relação aos Viriatos portugueses, o que será tratado posteriormente. Todavia, os *Nacionales* são mostrados majoritariamente de maneira positiva, enfatiza-se muito a simpatia dos mesmos para com Portugal e Salazar; são exaltados por diversos momentos, sendo caracterizados pelo periódico como “heroicos” e “corajosos”, em grande contraste com o modo com o qual os Republicanos são tratados. Assim, os Sublevados tiveram diversas entrevistas e declarações veiculadas no jornal, espaço que não foi dado aos partidários da República espanhola. Dessa forma os Rebeldes podiam se defender de acusações e justificar suas atitudes frente à população portuguesa e à opinião pública internacional, sem grandes contestações quanto à veracidade dessas afirmações. Diante disso, não é simples coincidência a primeira entrevista do general Francisco Franco, após o golpe, ter sido concedida ao Diário de Lisboa.

### 3.1 Os *Nacionales* na Guerra

Especialmente no início da Guerra Civil Espanhola, alguns trechos mais explícitos quanto a violência dos *Nacionales* e movimentações das potências fascistas na Espanha acabam se destacando em relação ao que aparece a respeito disso nos anos seguintes. Uma quantidade significativa de notícias sobre execuções sumárias, por exemplo, são relatadas

---

<sup>64</sup> Diário de Lisboa, nº 5212, Ano 17, Segunda, 24 de Maio de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06520#!8>>. Acesso em: 18 fev 2021.

normalmente entre as demais matérias sobre o *Alzamiento* e seus desdobramentos. Além de as diretrizes de censura do Estado Novo quanto a assuntos relacionados ao conflito ainda não estarem bem definidas, também é perceptível as limitações menos rígidas por parte dos Sublevados quanto as localidades que os correspondentes podiam visitar e as batalhas que podiam acompanhar. Afinal, a guerra era um fato novo, e ainda não havia um grande cuidado acerca do que deveria ou não ser visto por jornalistas na Espanha, assim como normas bem estabelecidas quanto à o que poderia ser publicado em Portugal. Além disso, os órgãos de censura do Estado Novo não eram conhecidos por uma exemplar eficiência ou rigor, apresentando diversas inconsistências na sua atuação em algumas regiões e durante alguns períodos. Todavia, com o avanço do conflito, é perceptível como certos fatos, hoje amplamente conhecidos e embasados pela historiografia, foram secundarizados ou sequer abordados.

Durante as primeiras semanas, certas escolhas feitas pelo jornal, sejam elas deliberadas ou não, são dignas de destaque. Primeiramente, o Diário chama os *Nacionales* de “Rebeldes”, o que de fato eram, pois estavam se revoltando contra um governo democraticamente eleito. O segundo ponto a destacar é como o jornal, apesar de tratar o evento como uma rebelião do exército, utiliza o termo “revolução”. Esse uso de palavras quase contraditório, pois falamos de um movimento com claro viés conservador e até reacionário, talvez se justifique, do ponto de vista dos redatores, pelo fato de o termo “golpe” ter um estigma mais negativo e por procurarem realizar uma cobertura mais positiva.

Nesses primeiros dias o periódico faz parecer que a vitória Rebelde está prestes a acontecer em todas as frentes. Ênfase que, em parte, se mantém ao longo do conflito. Os territórios efetivamente dominados pelos Sublevados são exagerados nesse momento, inclusive, com a publicação de um mapa indicando que posições que ainda eram controladas pelos Republicanos já haviam caído<sup>65</sup>, como pode ser visto na Imagem 4. Manchetes quanto a localidades prestes a serem tomadas são constantes. As vezes estão certas, mas com alguma frequência não passam de exageros, aparentemente resultantes do uso exclusivo de fontes oficiais Rebeldes (no pior cenário, talvez até mesmo de mentiras deliberadas). O caso que mais chama a atenção está relacionado as manchetes quanto à iminência da tomada de Madrid, o que só acontece, de fato, no final de março de 1939, mas que são uma constante nas páginas do jornal desde o início da guerra em julho de 1936. É quase cômico a quantidade de vezes

---

<sup>65</sup> Diário de Lisboa, nº 4932, Ano 16, Segunda, 10 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06222#!8>>. Acesso em: 1 fev. 2021.



algumas edições em 1938, quando registra as iniciativas do próprio Papa para atenuar os ataques por razões humanitárias. Apesar desses episódios, a cobertura feita pelo Diário não reporta essas questões com tom de denúncia; tais matérias aparecem de maneira discreta em suas páginas, muitas vezes acompanhadas de entrevistas dos Sublevados rebatendo acusações.

Tirando esses momentos, na maior parte dos casos, quando aborda bombardeios e demais ataques feitos pelos Rebeldes contra as cidades, o *modus operandi* costuma ser o mesmo: enfatizar que causaram poucos danos e feridos ou que atingiram apenas os alvos militares, tratando as mortes resultantes de modo objetivo e protocolar, não costumando entrar em detalhes descritivos e explícitos sobre o que realmente aconteceu. Por vezes, também informa o número de mortos, geralmente em cifras baixas. Em paralelo, habitualmente trata os “Bolchevistas” como selvagens, seus ataques muitas vezes são descritos enfatizando atitudes consideradas cruéis, como o bombardeio de hospitais, frequentemente falando do número de mortes e os assassinatos por eles causados sendo apresentados de maneira muito gráfica, com o claro intuito de chocar o leitor. Seria errôneo afirmar que os assassinatos cometidos pelos *Nacionales* nunca são tratados, mas a diferença entre a forma e a frequência com que são relatados é gritante. Apesar de enfatizarem a ferocidade dos embates contra os soldados Republicanos, isso geralmente ocorre no contexto de combates abertos, teoricamente justos, onde ações violentas acabam sendo percebidas como “justificáveis”. De modo geral, o jornal reporta em suas manchetes que os conflitos se “acentuaram”, foram “encarniçados” ou utiliza outros eufemismos semelhantes. Sendo assim, diversos aspectos da guerra são amenizados ou até omitidos. É possível que isso ocorra por medo da censura, mas pode ser também por escassez de fontes mais descritivas. De qualquer modo, é uma cobertura parcial. Como sabemos hoje em dia, atos violentos na guerra foram cometidos pelos dois grupos, porém, era algo muito mais comum enquanto prática dos sublevados, cujas lideranças pouco faziam para evitá-los (SALVADÓ, 2008, p. 153), procurando escondê-los ou justificá-los frente à opinião pública internacional.

Entre as vítimas executadas pelos *Nacionales* no conflito, Federico García Lorca é provavelmente, a mais famosa. O fato, que teve ampla repercussão pelo mundo, no jornal é tratado de maneira protocolar. Por intermédio da *Havas*, o jornal apenas confirma o fuzilamento do poeta, se limitando a citar que isso aconteceu devido a uma denúncia. Publica um pequeno texto sobre ele, abordando que “atualmente” era o mais representativo dos poetas modernos, fala brevemente de sua obra e, por fim, diz que “Garcia Lorca enfileirava nas

hostes esquerdistas, ainda que ultimamente se lhe notasse certa evolução”<sup>66</sup>. Sendo um jornal de cunho fortemente cultural com uma seção literária frequente, seria de se esperar uma ênfase maior nesse acontecimento, o que não ocorreu, provavelmente devido à censura ou por receio dela.

Um dos poucos momentos em que a violência após as batalhas é descrita de maneira gráfica, apesar de relativamente discreta, é referente ao Massacre de Badajoz. Com muitos eufemismos nas manchetes, Mario Neves reporta que “A justiça militar prossegue com inflexível vigor”. Badajoz é, uma das primeiras cidades mostradas pelo jornal, que cai sob o domínio dos *Nacionales*, e tem a brutalidade ali ocorrida relatada<sup>67</sup>. É certamente o episódio mais destacado envolvendo a reportagem que o Diário de Lisboa fez da Guerra Civil Espanhola. Apesar disso, é um ponto fora da curva dentro da cobertura do periódico quanto a acontecimentos do tipo, pois fala com maior clareza sobre a ação repressiva dos Sublevados<sup>68</sup>.

O bombardeio de Guernica foi outro episódio de grande repercussão, sendo um dos acontecimentos mais famosos do conflito. Levando em conta esse impacto, o jornal reporta a evolução das tentativas de defesa dos *Nacionales* frente acusações e denúncias da opinião pública internacional. Em um primeiro momento traz pronunciamentos que negam o seu envolvimento no fato acontecido, depois afirmando que é uma mentira que aviões a serviço de Franco o fizeram e, posteriormente, repercute supostas provas de que a destruição havia sido causada pelos próprios “comunistas”<sup>69</sup>. Ainda cita a imprensa da Alemanha defendendo o seu governo e publica uma das primeiras menções ao apoio de aviões alemães ao exército de Franco, o que, porém, não ocorre em tom de denúncia. Nesse caso acaba fornecendo mais espaço do que o habitual para as acusações feitas pelos Republicanos, mas a linha preponderante ainda é a propagada pelos *Nacionales*. Todavia, a destruição de Guernica foi bem enfatizada.

Outro acontecimento destacado envolve o Cerco do *Alcázar* de Toledo. O episódio é muito importante para os *Nacionales*. Essa relevância advém essencialmente pelo valor propagandístico, já que Toledo foi a capital do antigo Reino de Castela e simbolizava a união dos domínios dos reis Católicos. Durante a guerra, após o golpe na cidade fracassar, o *Alcázar*

---

<sup>66</sup>Diário de Lisboa, nº 4969, Ano 16, Quarta, 16 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, P. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06266#!8>>. Acesso em: 3 fev. 2021.

<sup>67</sup> A diretriz dada pelos líderes do movimento era de deliberadamente eliminar os “vermelhos”. Em Badajoz temos um exemplo prático desta estratégia que ativamente buscou ser violenta e causar terror.

<sup>68</sup> Mais sobre o assunto nos capítulos sobre Mario Neves e Juan Yagüe

<sup>69</sup> Diário de Lisboa, nº 5187, Ano 17, Quinta, 29 de Abril de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 5. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06494#!5>>. 16 fev. 2021.

fez parte da resistência das forças Rebeldes locais, que comandadas pelo coronel Moscardó, resistiram intenso assédio militar durante 70 dias, até as tropas do general Varela entrarem na cidade, no final de setembro. Contudo, desde o dia 19 o jornal já tratava de Toledo como “a mártir”<sup>70</sup>, reportando a contínua defesa dos “heroicos ocupantes”<sup>71</sup> do *Alcázar*, lutando no aguardo da chegada das colunas do sul. Após a efetiva tomada da cidade pelos *Nacionales*, o jornal trata dos aspectos épicos da “heroica” resistência local, como pode ser visto na Imagem 5, onde afirma que “A bandeira bicolor nunca deixou de flutuar”<sup>72</sup>, posteriormente destacando a “odisseia dos bravos cadetes de Toledo”<sup>73</sup>. Nos dias seguintes o Diário aborda com destaque a, assim chamada, “epopeia”, publica uma foto do último número do jornal “*El Alcazar*” que circulou entre a resistência<sup>74</sup>, com o correspondente Artur Portela repercutindo relatos dos cadetes e a capa da edição declarando que o episódio perdurará “como documento de almas exuberantes de fé, para além da existencia das proprias muralhas de Toledo heroica.”<sup>75</sup>. Certamente é um dos episódios que mais ênfase recebeu no jornal e que mais repercute a narrativa propagandística do *Bando Nacional*.

---

<sup>70</sup> Diário de Lisboa, nº 4972, Ano 16, Sábado, 19 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06269>>. Acesso em: 3 fev. 2021.

<sup>71</sup> Diário de Lisboa, nº 4973, Ano 16, Domingo, 20 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06271#!8>>. Acesso em: 3 fev. 2021.

<sup>72</sup> Diário de Lisboa, nº 4982, Ano 16, Terça, 29 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06281#!8>>. Acesso em: 3 fev. 2021.

<sup>73</sup> Diário de Lisboa, nº 4983, Ano 16, Quarta, 30 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4 e 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06282#!4>>. Acesso em: 3 fev. 2021.

<sup>74</sup> Diário de Lisboa, nº 4985, Ano 16, Sexta, 2 de Outubro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06284#!4>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

<sup>75</sup> Idem, p. 1.

# Imagem 5 – Reportagem sobre a “heroica” resistência dos cadetes do Alcázar

29-9-936

Diário de Lisboa

8

**HOTEL MIRAMAR**  
MONTE ESTORIL  
Hotel Costa.-CINTRA

## ULTIMAS NOTICIAS

**GRANDE HOTEL DO PARQUE**  
Dom Jesus do Monte  
Tudo o conforto moderno  
Água quente e três nos quartos  
Concessionários Alvarez & Vidal

### A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

## Pormenores impressionantes da tomada de Toledo em que se relata a heroica resistencia dos cadetes do Alcaçar

(Do nosso enviado especial)

**FRENTE DE TOLEDO, 28**—(Por via telegráfica).—A hora a que Toledo está completamente dominada, não havendo já tiro na cidade. As tropas nacionalistas reduziram facilmente ao silêncio, obrigando-a a debandar, os últimos núcleos de milicianos que na parte sul tentavam oppr-lhes uma resistencia de desesperada.

A cidade vive horas de intensa alegria, libertada do pesadelo dos últimos dias. As tropas são aclamadas freneticamente e dão-se por toda a parte cenas comovidas de patriotismo.

#### Num hospital de sangue

A retaguarda vão chegando os feridos, que são pouco numerosos, e que não soltam um grito, sofrendo com uma resignação heroica. Das forças atacantes ficaram feridos apenas três oficiais.

Visitei um hospital de sangue. Nas enfermarias erguem-se altares e nas paredes cavam-se nichos com santos. Há um movimento intenso. Tudo decorre, porém, com ordem. Alguns feridos leem jornais. Outros conversam com as irmãs de caridade e com lindas enfermeiras que multiplicam a sua actividade para atender a todos.

Falei com um official de segundo taboas de regulares marroquinos que foi um dos primeiros a entrar em Toledo. Descreveu-me parte da batalha a que assistiu, serenamente, ao mesmo tempo que lhe faziam o curativo. Está ferido na mão e no tronco, mas anda a pé, barbeado, correcto na sua farda castanha.

#### O primeiro ataque a Toledo

Pedi-lhe pormenores do ataque a Toledo. Recorda sem estorço, quasi sorrindo, as horas emocionantes de luta em que tomou parte e em que ficou ferido. Disse-me que a columna de regulares de Tetuan comandada por Del Oro chegou ás portas da cidade ás 10 e 45 de domingo pela estrada de Madrid. Pela estrada de Torrijos a Toledo avançou a columna do comandante Barron formada por legionarios. Ao todo dois estabros e uma bandeira do Tercio, sob o comando de Castejón.

O avanço fez-se sem grande dificuldade, porque os milicianos que se defendiam fora de portas fugiram, desmoralizados, ante a violencia do ataque nacionalista. Ao mesmo tempo, a artilheria protegia eficazmente as operações, varrendo as immedições da cidade.

As milicias marxistas estavam entrincheirados na praça de touros, que fica situada fora das muralhas, proximo da estrada de Madrid. O ataque foi violentissimo. As portas foram abertas á machadada e com o auxilio de granadas de mão. Os milicianos atacavam com morteiros, mas nem assim conseguiram impedir o avanço.

Dominada a resistencia dos defensores da praça, as tropas nacionalistas dirigiram-se depois ao Colegio dos Orfãos, antigo hospital de Tavera, da Ordem de S. João Baptista,

vasto edificio quadrangular dos fins do seculo XVI, cheio de preciosidades artisticas, onde estão sepultados os duques de Medinaceli. Tomado o colegio, as tropas occuparam depois successivamente durante três horas de combate, todos os edificios do Passo de Madrid até á porta Bisagra, por onde passaram as 13 e 50 as primeiras tropas que entraram em Toledo, transpondo assim as muralhas da cidade.

O general Varela, num rasgo de heroismo transferira o seu quartel-general para junto do cemiterio, á vista de Toledo, proximo da porta de Cambrom.

#### O plano estrategico

Foi no domingo, de madrugada, depois dum violento combate de aviação em que foram derrubados alguns aparelhos governamentais, que o general Varela ordenou o avanço das tropas, sendo o ataque executado por três colonas que operaram simultaneamente, conforme informei. Enquanto a aviação reconhecia o terreno, o general Varela occupava com as suas forças os lugares estrategicos.

Fora da cidade estavam entrincheirados dois mil milicianos, que retiraram apressadamente em face do avanço rapido e impetuoso das tropas nacionalistas.

As baterias nacionalistas fazem fogo sobre a cidade, protegendo o avanço da infantaria. Começam a ardeir as primeiras casas. A essa hora, de manhã, os governamentais atacavam pela ultima vez o Alcaçar com dinamite e gasolina, que era em seguida incendiada. O que restava da parte superior da fortaleza acabou por derruir. Ficaram arrazadas as quatro torres do majestoso edificio. Lá dentro desenvolvia-se um fogo pauroso. Os sitiados respondiam com rajadas constantes de metralhadoras enquanto a aviação «vermelha» os atacava desesperadamente.

Entretanto, as tropas do general Varela chegam ás portas da cidade e entram debaixo duma chuva de fogo. Os governamentais abandonam as ruas varridas pelo fogo intenso dos atacantes, mas resistem ainda furiosamente nas torres da catedral. E já depois dos nacionalistas occuparem a cidade, ouviu-se ainda tiro durante toda a noite.

#### O aspecto da cidade

Na manhã de segunda-feira, desenvolveu-se um novo ataque a fundo, que foi decisivo. O general Varela fez então a sua entrada triunfal na cidade. Nas ruas vivem-se poucos momentos. Mas uma grande multidão constituída principalmente por mulheres e crianças dispensou-lhe uma recepção grandiosa. Havia lagrimas nos olhos de muito gozo.

A cidade offerece um espectáculo desolador, embora não tenha sido

muito danificada pelo fogo da artilheria. As igrejas é que foram destruidas e muitos edificios saqueados. Do Alcaçar só se salvou uma sala. O resto da fortaleza é um montão de ruínas. Há cadáveres por toda a parte. As milicias «vermelhas» fuzilaram cerca de trezentas pessoas das direitas, entre os quais alguns velhos de 80 anos.

#### A libertação dos sitiados

A libertação dos sitiados constituiu uma pagina emocionante. Deram-se cenas de alegria indescritivel. Pais abraçados aos filhos, a chorar. Irmãos abraçados a irmãs. Desconhecidos que se beijavam, lavados em lagrimas. Outros ajoelhavam a orar. Vivia-se numa atmosfera patética de exaltação patriótica.

O comandante Moscardó, que durante setenta e dois dias dirigiu a defesa do Alcaçar, dirigiu-se ao general Varela, afirmando-lhe que continuaria a combater até á morte, com todos os bravos que resistiram dentro da fortaleza, pela libertação da Espanha. Dentre os cadetes, ha oito que usam ardores gloriosos, de grandes tradições historicas. Na fortaleza refugiavam-se cerca de 800 combatentes, guardas civis, soldados e falangistas, além de numerosas mulheres e crianças. Ao todo, mil e duzentas pessoas. Dispunham de seis metralhadoras, cinco morteiros e dois canhões. E estavam regularmente municiados. Todos os dias faziam sortidas que custavam a vida a numerosas milicias. No ultimo dia ainda atacaram com bravura as trincheiras dos sitiados.

As ultimas explosões de dinamite foram terribes. O edificio ficou abando. Desmoronaram-se as torres que ainda estavam de pé. Alguns tropes de muralha deslocaram-se. Mas a defesa continuou com rajadas de metralhadoras, que varriam as immedições do Alcaçar, não permitindo a aproximação dos sitiados.

Os cadetes auxiliaram eficazmente a entrada das tropas nacionalistas, cruzando os seus fogos com os dos atacantes. A bandeira bicolor nunca deixou de flutuar nas ruínas do Alcaçar.

As primeiras tropas que entraram ontem em Toledo passaram a noite na fortaleza, onde se improvisou uma festa de confraternização em que se consumiram as ultimas provisões. Vi-veram-se momentos de grande alegria e emoção, num ambiente de misticismo patriótico.

#### Alguns casos de heroismo

Entre os numerosos casos isolados de heroismo que asinalaram a defesa do Alcaçar, vale a pena contar alguns. O mais conhecido e o mais impressionante é aquelle de que foi protagonista o coronel Moscardó, que ao Alcaçar durava havia cinco

dias. Nesse dia, o comandante Moscardó foi chamado de manhã ao telefonio.

—Temos o seu filho em nosso poder, disseram-lhe. Está aqui a nosso lado. A vida dele depende da rendição do Alcaçar. Ele vai falar.

Dom efeito, Moscardó ouviu logo a seguir a voz do filho, um rapaz de 17 anos, estudante de engenharia, que lhe disse, com voz comovida:

—Sou eu. Já sabes o que querem—que respondes?

—E o coronel respondeu: —Pedem-me a vida e a honra daqueles que vivem aqui, contra a tua. Um pai espanhol não se rende. Em nome de Deus, morre como um heroi. Viva a Espanha!

E o filho foi fuzilado. A esposa do coronel, porém, também em poder dos «vermelhos», conseguiu salvar-se.

De outra vez levaram até junto do Alcaçar a mulher dum guarda civil que estava entre os sitiados, convidando o marido a entregar-se, sob a ameaça de lhe fuzilarem a mulher. O pobre guarda não se entregou e a mulher foi fuzilada.

Houve, a certa altura, necessidade de mandar trazer com informações para as tropas nacionalistas que se aproximavam de Toledo. O capitão Alia offereceu-se para desempenhar essa missão. Viram-no sair da fortaleza, no meio dum profunda emoção e atravessar o rio. Preso pelos governamentais, foi imediatamente fuzilado.

#### A vida no Alcaçar

Entre os sitiados houve apenas 80 baixas e 600 feridos, a maior parte dos quais com ferimentos ligeiros. Nos subterraneos da fortaleza, onde se abrigavam as mulheres e as crianças, faziam-se operações cirurgicas á luz de velas. Quando os mantimentos começaram a faltar, recorreu-se aos cavalos e ás muaras para alimentar os sitiados. Abatia-se um a ás vezes dois cavalos por dia. Comeram-se 87 cavalos e 24 muaras. Quando as tropas nacionalistas entraram na cidade, os sitiados dispunham apenas de um cavato e cinco muaras. O pão era amassado com uma pedra para poupar a agua, que era severamente racionada. Vi metade dum ipaço steio, negro e duro como uma pedra.

Editava-se um jornal, «O Alcaçar», que publicava noticias captadas pela T. S. F., sobretudo aquelas que eram emitidas pelo Radio Club Português. Nenhum dos cadetes saiu ainda de Toledo, onde estão a ser alvo de extraordinarias manifestações. Todos os sitiados do Alcaçar estão pallidos, cadavericos, tendo estampados no rosto os sinais das privações que sofreram. As crianças denunciam uma magreza horrivel. Só se lhes conhecem os ossos, debaixo da pele. Mas são alegres, que nem se lembram de pedir comer. Vivem todos numa indisciplinada exaltação patriótica, esquecidos já das horas cruellantes que passaram dentro da velha fortaleza em ruínas.

ARTUR PORTELA

**ARCADIA** - Restaurante - Todos os dias JANTAR-CONCERTO a 1500  
ESTREIA  
da Vedeta Sevillhana  
**PEPITA MARTNEZ**  
Numeros novos pelas artistas Mimi Semanigo, Rosa Levante, Pilarín Harvey, Emilia Ramirez, Rosa Valentín, Hermanos Ornez

Quere a sorte grande?  
Habillite-se na Tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

**São Luis** HOJE: ESTREIA  
**MYRNA LOY EM "A MULHER DAS PÉROLAS"**  
Um filme que, pela sua categoria e interesse, merece ser visto!

Em 1937, com a estabilização da guerra como conflito aberto, o jornal fala constantemente de vitórias *Nacionales*, o que de fato retratou a evolução do conflito, dada a inegável superioridade das tropas, que também contavam com maior poder bélico. Essa grande superioridade militar é exaltada, mas o fato que a explica, o apoio das potências fascistas, é ocultado durante boa parte da guerra e costuma ser amenizado e até mesmo desmentido em declarações dos Revoltosos veiculadas no Diário. Todavia, o *Bando Nacional* também sofreu derrotas, mas esses acontecimentos costumam ser omitidos pelo periódico. Por exemplo, Guadalajara, uma das grandes vitórias dos Republicanos, teve seu desfecho desfavorável ocultado, assim como a participação de tropas da Itália de Mussolini. Desse modo, o movimento aparece quase sempre vencendo “heroicamente”, “libertando” cidades e trazendo a tranquilidade novamente à população civil. Ainda em 1937, com essa cobertura cada vez mais dedicada aos combates, enfatizando mais o aspecto militar do conflito e as batalhas, constatou-se uma clara diminuição na presença de correspondentes. Desse modo, são publicadas menos entrevistas com generais e líderes, e a situação da retaguarda e da população civil passa a ser descrita principalmente por agências de notícias.

Fora do campo de batalha, a censura e o futuro estabelecimento de uma ditadura são tratados com naturalidade, o que não devia surpreender quem diariamente comprava um jornal que informava na capa que “ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA”. Essa questão está presente, por exemplo, em uma entrevista do general Mola, quando ele fala abertamente sobre como o movimento se “cristalizará” em “uma ditadura militar cuja duração será definida pelas circunstâncias”<sup>76</sup>. O jornal não faz juízos de valor quanto a ditaduras e a censura, até pelo contexto em que seu país se encontrava. Tal abordagem será padrão pelo menos durante todo o período aqui analisado. Por abraçar muito da narrativa Rebelde, ao dar espaço para suas lideranças e comandantes falarem abertamente, as questões repressivas são apresentadas, muitas vezes, como um ato necessário e plenamente justificado para se alcançar a “paz social”. Na mesma entrevista do general Mola, este fala sobre como acredita que “na Europa, depois de duras provas, irão todos os governos para uma estrutura autoritária”, mas “sem que isto queira dizer que numa maneira geral sejam todos de tipo absolutamente fascista”. Também estão presentes outros exemplos de censura por parte

---

<sup>76</sup> Diário de Lisboa, nº 4955, Ano 16, Quarta, 2 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06249#!5>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

dos *Nacionales* reportadas pelo jornal, como, por exemplo, em um decreto proibindo cantar hinos diferentes durante a execução do hino nacional<sup>77</sup> ou quando trata da censura de filmes<sup>78</sup>.

Assim como na linha de frente, a vida na retaguarda é retratada em constante contraste com o que acontece do lado Republicano. Costuma enfatizar-se a normalização da vida nos territórios *Nacionales*, contrastando-a, na sequência, com as dificuldades existentes no lado fiel à República. O jornal também reporta as obras sociais de Franco, que vão além do campo militar. Em uma edição que mais parece um relato tirado de uma peça de propaganda, o jornal diz que ali se constitui a melhor consagração da escolha da nação que viu, exaltando a personalidade do Generalíssimo, não apenas como cabo de guerra vitorioso, mas como condutor político capaz de assegurar o futuro da Espanha<sup>79</sup>. O periódico não para por aí e enfatiza positivamente para os leitores portugueses diversas outras medidas sociais, como a construção de habitações para os mais pobres<sup>80</sup>, a superioridade dos *Nacionales* na produção de diversos alimentos<sup>81</sup>, as “Justas medidas contra os comerciantes gananciosos”<sup>82</sup> e a reorganização do ensino sob as bases de uma educação exaltando a pátria espanhola e a moral cristã<sup>83</sup>. Por mais de uma vez, enfatiza-se a ideia de harmonia existente entre as classes sociais na “Espanha Nacionalista”, questão muito relevante na ideologia do Estado Novo. Desde os primeiros dias também fala sobre como os portugueses em territórios Rebeldes são tratados de maneira amistosa. As citações e referências à Salazar, especialmente por parte de soldados espanhóis, são comuns, e enfatiza-se o entusiasmo das tropas ou das populações locais.

Após o fim da Batalha do Ebro, a derradeira grande ofensiva Republicana, a derrota dos *Nacionales* se torna cada vez mais improvável. Desse modo, o jornal passa a tratar, especialmente em 1939, os avanços do *Bando Nacional*, literalmente quilometro a quilometro. Assim, anuncia a entrada em Barcelona, o fim da autonomia catalã, e diz que a província foi

<sup>77</sup> Diário de Lisboa, nº 5131, Ano 16, Quinta, 4 de Março de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06438#18>>. Acesso em: 13 fev 2021.

<sup>78</sup> Diário de Lisboa, nº 5421, Ano 17, Quarta, 22 de Dezembro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 5. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06734#15>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

<sup>79</sup> Diário de Lisboa, nº 5624, Ano 18, Segunda, 18 de Julho de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.06953#18>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

<sup>80</sup> Diário de Lisboa, nº 5060, Ano 16, Sexta, 18 de Dezembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 5. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06365#15>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>81</sup> Idem 78.

<sup>82</sup> Diário de Lisboa, nº 5130, Ano 16, Quarta, 3 de Março de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06437#18>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

<sup>83</sup> Idem 81,

“libertada”<sup>84</sup>, chegando a entrevistar o general Yagüe<sup>85</sup>, algo pouco comum nesses meses finais do conflito. Em outro momento declara que Barcelona já esqueceu a guerra<sup>86</sup>, algo absurdo, até porque, na mesma edição, cita julgamentos políticos que continuavam sendo feitos.

Por fim, no dia 28 de março a guerra é dada como terminada, afirmando-se que dissipou-se a terrível opressão e que a multidão encheu as ruas vitoriando Franco (como pode ser visto na Imagem 6)<sup>87</sup>, e os falangistas, ovacionados em Valência no dia seguinte<sup>88</sup>. O aspecto propagandístico aqui é explícito. Os enviados do jornal voltam a aparecer com destaque, fornecendo descrições da vida nas cidades e uma alegada volta à normalidade, mas (pelo menos até esse momento) sem tratar das execuções que estavam ocorrendo nem do drama humanitário envolvendo as centenas de milhares de refugiados. Portanto, coerente com a cobertura, em grande parte, tendenciosa feita até então, repercute principalmente o entusiasmo local, as felicitações recebidas por Franco e, na capa de uma edição, até vaticina que o Palácio do Oriente depois de uns pequenos restauros está pronto para receber um Rei<sup>89</sup>.

---

<sup>84</sup> Diário de Lisboa, nº 5814, Ano 18, Sábado, 28 de Janeiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07165#!4>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

<sup>85</sup> Diário de Lisboa, nº 5816, Ano 18, Segunda, 30 de Janeiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07167#!4>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

<sup>86</sup> Diário de Lisboa, nº 5823, Ano 18, Terça, 7 de Fevereiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 5. Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07174#!5>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

<sup>87</sup> Diário de Lisboa, nº 5871, Ano 18, Terça, 28 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07225>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>88</sup> Diário de Lisboa, nº 5872, Ano 18, Quarta, 29 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07226#!8>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>89</sup> Diário de Lisboa, nº 5875, Ano 18, Sábado, 1 de Abril de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05765.029.07229>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

## Imagem 6 – A vitória de Franco

ANO 18.

TERÇA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1939

N.º 5871

## Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS  
 Editor — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA  
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 67, 3.<sup>o</sup>  
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR  
 JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA  
 Redacção, composição e Impressão  
 RUA LUIZ SORIANO, 44  
 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A LIQUIDAÇÃO DA GUERRA DE ESPANHA

## Madrid rendeu-se esta manhã

Ao ser conhecida a noticia, a multidão encheu as ruas da cidade, vitoriando Franco

MADRID, 28.—Madrid rendeu-se esta manhã, por acordo estabelecido entre o coronel Prado, comandante chefe dos Exercitos do Centro, e Julian Besteiro, commissario dos Estrangeiros da Junta Nacional de Defesa. A noticia foi conhecida logo de manhã, mas já era tida como certa ha algumas horas, quando começaram a verificar-se rendições parciais em varios sectores.

Durante toda a madrugada reinou, aliás, na capital, uma tranquillidade significativa. Sob um luar magnifico, que banhava a cidade, circulavam pelas ruas patrulhas de vigilância e algumas viaturas. Grupos de soldados, sem armas, e conduzindo apenas alguns embrulhos, pediam aos condutores dos carros que os transportassem para os bairros centrais.

Uma proclamação de Besteiro

As 9 horas a Union Radio annunciou a rendição do exercito do Centro. Mais tarde, ás 12 e 15, Julian Besteiro, commissario dos Estrangeiros da Junta Nacional de Defesa, fez a seguinte proclamação ao microfone do mesmo posto:

«Madridenses! Chegou o momento de acabar com o prolongamento da crise que ataglia ha muito a nossa querida Espanha e evitar maior derramamento de sangue entre irmãos. O problema militar está liquidado e o regime politico que até agora nos regia mudou, totalmente, dentro de breve prazo, com a entrada na cidade das tropas de Franco. Eu continuo no meu posto para o bem e para o mal de todos os espanhóis. Oxalá que todos os espanhóis da zona leal, compreendendo a gravidade do momento, adoptem a mesma resolução que eu e o coronel Prado acabámos de tomar. Peço a todos que nos momentos actuaes se mantenham serenos e tranquilos e que aceitem a rendição de Madrid como o melhor meio de salvação, embora eu saiba que muitos corações madrilenos se dilaceram pela forma como nos tivemos de render. Tenho plena confiança em que os madrilenos, hoje como sempre, procederão como honrados cidadãos que sempre foram, e como bons espanhóis, e não tomarão atitudes que possam molestar aqueles que devirão em breve entrar na cidade. Viva a Espanha!»

Seguiu-se-lhe ao microfone o coronel Prado, chefe do exercito do Centro. Apenas, porém, disse algumas palavras, pois foi bruscamente substituído por um nacionalista, que deu ao microfone vivas a Franco e annunciou que dentro de momentos as tropas nacionais entrarão na cidade.

Grande multidão nas ruas

Assim que a Union Radio annunciou a rendição, a população invadiu as ruas, gritando com extraordinario nervosismo: «Arriba España! Arriba España!»

Grupos de gente, apertados de grande emoção, choram e abraçam-se, no meio de indescrevível alegria. Outros beijam as primeiras bandeiras nacionalistas que aparecem. A população foi convidada a arvorar bandeiras brancas nos varios edificios. O Palacio da Imprensa, foi dos primeiros onde appareceu a bandeira da ren-

MADRID, 28 — Madrid rendeu-se hoje. A noticia foi transmitida á população pela Union Radio de Madrid, que a emittiu ás 11 e 45.—(Havas).

Casado saiu de Madrid, mas Besteiro ficou

MADRID, 28.—Depois de ter estado no Quartel General, o coronel Casado abandonou Madrid, onde só se conserva Julian Besteiro.—(H.)

A Junta reúne-se em Valencia

VALENCIA, 28.—Chegaram a Valencia os membros da Junta de Defesa Nacional, que se reuniram com o seu presidente, general Miaja, a quem deram os ultimos pareceres sobre o momento actual.—(Havas).

A occupação official da cidade

LONDRES, 28.—Informam da Madrid á Reuter que a occupação official de Madrid começará ás 17 horas.—(Havas).



O ultimo retrato de Franco antes da ofensiva

Dissipou-se a terrível oppressão — Madrid rendeu-se. A luta feiz entre o nacionalismo e o internacionalismo terminou com o triunfo de Franco que encarnou a alma de Cid, na grandeza e na sua pureza.

A Espanha que viu a sua sorte jogada contra a verdade do seu ser e da sua consciencia reaparece hoje desafiada, orgulhosa, segura de si e disposta a continuar a sua missão historica, exprimindo livremente a vontade de extrair da victoria o que ela encerra de melhor — a justiça.

Não se apagarão prontamente, nem dos olhos nem dos corações, as imagens sinistras da luta em que algumas vezes a besta-fera superou o homem, cheio de bondade e de perdão. As tropas de Franco restituirão á Espanha o direito de dizer:

— Elevámos a Patria á categoria de hostia do sacrificio.

A terra inteira aprendeu, entre outras cousas preciosas, que, aquando uma ideia nobre nos anima e alenta, devemos servi-la até, á morte. Na era do materialismo e das plutocracias imperantes, a Espanha não hesitou em arrancar-se ao culto dos falsos deveres, brandando:

— Irai sem temor contra os que me vendem, á porta do Templo!

O comunismo que imaginou enriquecer-se com uma presa sem par foi obrigado a declarar-se vencido, como os lobos que, perante os rebanhos bem defendidos, desistem de cravar neles os colmilhos famintos.

Portugal, graças a uma visão dos acontecimentos que transcendeu o sentido de algumas chancelarias, percebeu, desde o principio, o desfecho do drama. Ao mesmo tempo que, sem temor nem hesitar, assumiu a attitude logica e clara que acabou por conquistar o aplauso e o assentimento geral, afirmou com raro brilho a sua existencia de nação livre, ha oito seculos apoiada em principios de dignidade, de honra e de fidelidade aos compromissos tomados.

A libertação de Madrid é uma obra heroica e humana em que colaboram as forças de terra e as do céu. Portugal compartilha-a, porque pôs nela não só as suas esperanças como o proprio sangue dos seus filhos.

Salazar marca hoje o exito incontestavel duma politica que a muitos, equivocadamente, pareceu destinada a insuccesso estrondoso. O homem, que não só vê mas prevê, nunca avalia os acontecimentos por parcelas, soltando-os uns dos outros, porque os abraça na sua totalidade, como uma viva criação do tempo e do espirito.

Madrid, visto do lado de Portugal, reveste hoje, após quasi três annos de tribulações, o aspecto de formidavel aparição, saída dum enorme pesadello, em que se equilibra o genio duma raça e a ambição dum mundo que tarda em surgir do Limbo.

Pouco tempo depois via-se igualmente uma grande bandeira bicolor no arrabancadas da Telefónica.

As 11 e 20 foi içada a bandeira nacional na varanda principal do Ministerio do Interior. Pouco antes fora ali içada a bandeira branca. Nos restantes edificios publicos sucedeu o mesmo.

Entretanto, appareciam sobre a cidade varias esquadras de aviões nacionalistas, que faziam arrojadas evoluções á baixa altura. A população, que enche cada vez mais as ruas da cidade, estabelecendo uma louca animação, seguia com entusiasmo os exercicios dos aparelhos, acompanhando com paños brancos das janelas.

A multidão aguarda ansiosamente a entrada dos soldados de Franco na cidade. Enquanto não chegam, porém, as autoridades militares, o Conselho Nacional da Falange tomou conta da cidade. O novo alcaide é um falangista, que pertencia á famosa «Quinta colunas», e que chamou pela radio todos os membros daquele Conselho para immediatamente tomarem conta da municipalidade.

Libertação dos presos politicos

O novo alcaide deu ordem para que se iam postos em liberdade todos os presos politicos que se encontravam nas prisões; ao mesmo tempo, as embaixadas e legações estrangeiras de que podiam, igualmente, deixar sair todos os refugiados que nelas se encontravam.

O alcaide ordenou tambem pela radio aos falangistas que acompanhavam a «Quinta Coluna» que se concentrassem na Calle Sereno, 86, onde residia o fundador da organização, José Antonio Primo de Rivera, a fim d'epressarem homenagem á memoria do seu chefe.—(United Press e Havas).

Um telefonema do capitão Jorge Botelho Moniz

Hoje, ao principio da tarde, o sr. tenente-coronel José Carlos Botelho Moniz, pai do heróico capitão Jorge Botelho Moniz, comandante dos esvirlotos, comunicou-nos que recebera um telefonema do seu filho, dizendo que havia entrado em Madrid, onde o entusiasmo da população era indescrevível.

### 3.2 A participação das potências fascistas

O Diário de Lisboa tratou constantemente das polêmicas quanto à participação ou não da Itália e da Alemanha no conflito, o que ocorreu em grande parte por intermédio da imprensa estrangeira. Tal discussão foi mostrada de modo razoavelmente conflitante, repercutindo principalmente jornais franceses e ingleses de diferentes vertentes (literalmente da extrema-esquerda à extrema-direita), assim como os muito parciais jornais italianos e alemães a partir de 1937. Contudo, a tendência geral da cobertura feita pelo periódico faz parecer que os governos fascistas tendiam a respeitar os acordos do Comitê de Não-Intervenção. Em 23 de novembro de 1936, chega a falar que ambos os países estão dispostos a se utilizar da força, se necessário, para evitar o estabelecimento de um foco comunista no Mediterrâneo<sup>90</sup>. Todavia, nos primeiros meses de guerra, geralmente o máximo que se fala é de maneira tangencial quanto aos “voluntários” vindos de Berlim e Roma, como se os países estivessem discutindo a não-intervenção e defendendo que voluntários nacionais pudessem ir para a guerra por iniciativa própria; quando na verdade estavam deliberadamente enviando armas<sup>91</sup>, tropas combatentes e forças militares regulares, enquanto afirmavam se tratar de simples voluntários. De modo semelhante ao que ocorreu com a cobertura dos *Nacionales*, o jornal, sem apresentar grandes questionamentos e contrapontos, cede muito espaço para as declarações oficiais dos governos e posicionamentos de seus líderes desmentindo o que hoje em dia é amplamente conhecido, ou seja, a ação concreta de intervenção deliberada no conflito espanhol.

Até meados de 1937, praticamente só fala em voluntários lutando pelos *Nacionales* quando trata da Não-Intervenção e suas negociações; de resto, quase sempre dá a entender que os Republicanos tem imenso apoio soviético, mexicano e francês, algo que é repetido com razoável frequência em suas páginas. Em maio de 1937 fala-se de uma suposta repercussão, nos círculos oficiais Rebeldes, “com respeito” à possibilidade de retirarem os voluntários da Espanha, porém, “tal problema não existe aqui, pois os únicos estrangeiros que combatem são legionarios”<sup>92</sup>, fato facilmente desmentido pelas próprias páginas do jornal; afinal, mesmo antes de reportar essa participação, a presença e o apoio de alemães e italianos à causa dos *Nacionales* já havia sido mostrada pelo próprio Diário. Contudo, a partir de meados de 1937

---

<sup>90</sup> Diário de Lisboa, nº 5036, Ano 16, Segunda, 23 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06341#!8>>. Acesso em: 16 maio 2021.

<sup>91</sup> Milhares de aviões e canhões, além de centenas de tanques de guerra.

<sup>92</sup> Diário de Lisboa, nº 5212, Ano 17, Segunda, 24 de Maio de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p.8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06520#!8>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

começa a tratar do envolvimento Fascista de maneira mais evidente, após o próprio Mussolini fazer declarações públicas quanto à presença de italianos lutando na Espanha.

Houveram algumas exceções, como na vez em que se reportou uma brochura publicada pelos bascos denunciando a intervenção dos nazistas<sup>93</sup>, ou quando repercutiu uma afirmação da “Times” de que a Não-Intervenção, na verdade, era uma intervenção controlada<sup>94</sup>. Majoritariamente, porém, o que se noticia sobre o assunto são pronunciamentos oficiais (ou de autoridades dos altos escalões) fascistas se defendendo de acusações e denunciando o Comitê de Não-Intervenção por sua parcialidade. A propaganda dos *Nacionales* e fascistas de que o comitê estava favorecendo os “Vermelhos”, é algo amplamente refutado pela historiografia atual sobre os acontecimentos; mais do que isso, foi justamente o contrário. A Não-Intervenção acabou sendo um dos principais empecilhos ao esforço de guerra Republicano, sufocando diversas possibilidades de reação e fazendo vista grossa ao envolvimento nazista e fascista com o pretexto de manter a paz (SALVADÓ, 2008, p. 200).

Contudo, no final do conflito, fala-se abertamente dos voluntários italianos e seu esforço heroico “pela sagrada causa do Direito e da Civilização cristã”, assim como “Vivas” à Alemanha proferidos por Queipo de Llano<sup>95</sup>. Além disso, o esforço para reafirmar a independência do movimento Rebelde e da “Nova Espanha” em relação ao auxílio das potências fascistas também era abordado. Tal questão pode ser visto em entrevista com Franco feita pelo correspondente do “Sunday Chronicle”, e repercutida pelo jornal português, onde o general afirma que nem Itália nem a Alemanha comprometem a integridade do território espanhol e tampouco estabelecerão bases ali<sup>96</sup>.

---

<sup>93</sup> Diário de Lisboa, nº 5209, Ano 17, Sábado, 22 de Maio de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06518#!8>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

<sup>94</sup> Diário de Lisboa, nº 5276, Ano 17, Quarta, 28 de Julho de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06586#!4>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

<sup>95</sup> Diário de Lisboa, nº 5824, Ano 18, Quarta, 8 de Fevereiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07175#!8>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

<sup>96</sup> Diário de Lisboa, nº 5848, Ano 18, Domingo, 5 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07201>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

### 3.2.1 ITÁLIA FASCISTA

A Itália enviou o seu *Corpo Truppe Volontarie*<sup>97</sup> e a *Aviazione Legionaria* para auxiliar o *Bando Nacional*, assim como forneceu aviões e submarinos. O Diário costuma enfatizar a boa relação de Franco e dos *Nacionales* com os italianos e Mussolini, sempre mostrado como uma figura imponente. Por volta do primeiro ano de conflito o jornal mostra de maneira relativamente discreta a presença dos legionários fascistas, escondendo a sua participação em batalhas relevantes, como a de Guadalajara, mas falando de “voluntários italianos” em festividades, por exemplo. Em meados de 1937, o jornal trata mais abertamente a questão, repercutindo declarações de Mussolini a respeito; informa, então, a presença de legionários batalhando em algumas frentes, mortes em combate e homenagens feitas na Itália aos seus caídos. Em uma edição, a título de exemplo, cita uma lista de 175 italianos “caídos em Espanha na guerra contra o bolchevismo e pela civilização fascista”<sup>98</sup>. Por fim, aborda a “aclamada” retirada dos voluntários italianos da guerra com relativo destaque, enfatizando até mesmo o entusiasmo da população espanhola ao se despedir deles<sup>99</sup>.

### 3.2.2 ALEMANHA NAZISTA

Assim como a Itália fascista, a Alemanha nazista também apoiou os *Nacionales* (em termos militares, econômicos, políticos e diplomáticos). Hitler auxiliou o movimento desde o início com a chamada “Operação *Feuerzauber*” (Fogo Mágico em alemão). Essa operação militar realizada pela Força Aérea transportou as tropas do exército de Franco do Marrocos para a Espanha. O envolvimento nazista se tornou especialmente notório devido à Legião Condor, uma unidade militar de elite da Força Aérea, que foi à Espanha com o objetivo de testar seus aviões de guerra em campo de batalha e adquirir experiência de combate<sup>100</sup>. A Legião Condor foi a principal envolvida no que talvez seja o episódio mais conhecido do conflito, o bombardeio e a destruição de Guernica<sup>101</sup>. Os alemães também forneceram armamento (incluindo alguns dos mais modernos da época) para os *Nacionales*.

<sup>97</sup> Contou com, por volta de, 40000 homens.

<sup>98</sup> Diário de Lisboa, nº 5230, Ano 17, Sábado, 12 de Junho de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06540#!8>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

<sup>99</sup> Diário de Lisboa, nº 5712, Ano 18, Sábado, 15 de Outubro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 5. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07060#!5>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

<sup>100</sup> Contou com o envolvimento de algo em torno de 6000 homens.

<sup>101</sup> Apesar de também ter contado com o apoio da *Aviazione Legionaria*.

O Diário aborda consideravelmente menos a participação alemã em comparação à italiana, praticamente nem cita as forças nazistas que atuaram na guerra. De qualquer forma, em alguns momentos publica reportagens sobre navios alemães (como o encouraçado *Deutschland*) próximos ou em mares espanhóis, assim como polêmicas envolvendo suas capturas pelos “Vermelhos”, o que geralmente é mostrado como injustificado, afinal, praticamente só aborda o envolvimento alemão como boato, constantemente mostrando o contraponto difundido pelos alemães. A boa relação de Franco e dos *Nacionales* com Hitler e os nazistas é frequentemente mostrada, com uma ou outra citação referente a aeronaves ou embarcações com nomes alemães a serviço do *Bando Nacional*; porém, praticamente nunca o faz em tom de denúncia, como ocorre com os Republicanos. Por exemplo, em 1936 chega a repercutir informações da mídia francesa sobre supostas negociações dos *Nacionales* com o governo alemão, bem como do “Daily Herald”, reportando que os nazistas estão fornecendo armas para os Revoltosos<sup>102</sup> ou a presença do encouraçado “*Deutschland*” em águas espanholas. Porém, reportagens e especulações do tipo, comuns no primeiro ano de conflito, logo vão sumindo das páginas do jornal, que passa a enfatizar com maior destaque o apoio prestado por outros países aos Republicanos, evitando citar o auxílio nazista aos Sublevados. Dessa forma, reporta apenas ocasionalmente a presença de alemães, mas costuma destacar que são voluntários, sem entrar em maiores detalhes.

### 3.3 Líderes destacados nas páginas do “Diário de Lisboa”

Nesta seção pretendemos realizar uma breve análise do modo como alguns dos protagonistas do *Bando Nacional* foram abordados pelo Diário de Lisboa. Nem todos os principais líderes *Nacionales* aparecerão aqui. O critério utilizado levou em conta dois fatores: a importância para o movimento e o destaque que recebeu nas páginas do jornal. É perceptível o peso que algumas variáveis exerceram na cobertura da guerra, como a proximidade (ou não) dos correspondentes em relação as lideranças e as operações, a censura, e até mesmo a escassez de notícias obtidas pelo periódico. Desse modo, neste capítulo serão abordados de maneira específica, três dos mais destacados gerais (Franco, Mola e Queipo de Llano), um coronel posteriormente promovido a general (Yagüe) e o líder e fundador do movimento fascista espanhol (José António Primo de Rivera). Ainda destinarei um item para falar de maneira breve sobre o modo como alguns outros nomes foram tratados.

---

<sup>102</sup> Diário de Lisboa, nº 4929, Ano 16, Sexta, 7 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06219#14>>. Acesso em: 10 maio 2021.

### 3.3.1 FRANCISCO FRANCO

Francisco Franco Bahamonde, também conhecido como "Generalíssimo", "Caudillo" ou simplesmente Franco, foi um dos principais envolvidos no golpe de Estado parcialmente fracassado que deu início à Guerra Civil Espanhola. Apesar de no início do conflito ainda não ser o líder inquestionável do movimento, o general era um dos principais protagonistas da conspiração, e nas páginas do jornal aparecia como "chefe supremo da revolução militar" desde antes de ser oficialmente declarado como tal. É verdade que, nesses primeiros meses, divide a liderança com o general Mola; mesmo assim, recebe maior destaque no jornal desde o início do conflito. A primeira entrevista de Franco, após o golpe de 1936, foi concedida ao Diário de Lisboa e teve repercussão mundial. Curiosamente, pelo menos durante os anos de guerra, o Generalíssimo chega a ter presença maior nas páginas do jornal do que o próprio Salazar.

Desde o primeiro momento Franco é mostrado como tranquilo e confiante. É descrito como amigável, aponta Portugal, Itália e Alemanha como exemplos positivos de administrações técnicas. Fala ainda dos seus planos para a Espanha, critica a República e se justifica quanto a críticas pelo uso de tropas Marroquinas. Trechos onde Franco se defende de acusações, assim como outros militares, são comuns. O Caudilho frequentemente é exaltado por suas qualidades como líder e propagandeado como alguém simples que quer o melhor para o seu povo. Apesar de, por vezes, até falar dos bombardeios e mortes causadas pelos *Nacionales*, nesses contextos, Franco é apresentado de maneira positiva, com personalidade forte, imponente, contido e estrategista. Ao tratar de assuntos mais administrativos ele costuma ser retratado de forma benevolente, visitando feridos em combate<sup>103</sup> ou enviando gratificações e medalhas para soldados amputados<sup>104</sup>. Além disso, o Diário faz questão de ressaltar que é o próprio Franco quem está conduzindo certas operações bélicas.

O periódico destaca também suas intenções de reforma social, dentro dos moldes de um corporativismo de estado. Por mais de uma vez aborda sua aspiração de criar uma "ordem nova", que garanta trabalho e pão a todos os necessitados, além de suas alegadas intenções de fazer com que aqueles que possuem demasiado compartilhem com os que não tem nada. O jornal é generoso oferecendo, diversas vezes, espaço para que Franco pudesse rebater

---

<sup>103</sup> Diário de Lisboa, nº 5494, Ano 17, Quarta, 9 de Março de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06808#!8>>. Acesso em: 4 mar. 2021.

<sup>104</sup> Diário de Lisboa, nº 5090, Ano 16, Quarta, 20 de Janeiro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06396#!4>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

acusações e afirmar que vai governar contra os privilégios do capitalismo, buscando dar trabalho a todos os operários em uma “verdadeira justiça social”. Dessa forma, o Diário acaba funcionando como uma plataforma de propaganda do movimento e do próprio Franco. Outro exemplo pode ser percebido ao tratar sobre como os revoltosos desejam que a Espanha fique em paz novamente; conforme o pensamento do general, “o seu solo alimenta os famintos e a alegria restaure os animos abatidos”<sup>105</sup>, além de reportar que ele procura poupar Madrid dos sofrimentos da guerra ao máximo. Tal afirmação é altamente questionada pela historiografia, que costuma apontar que na verdade Franco buscou prolongar o conflito em uma guerra de exaustão para levar o desgaste do inimigo ao limite e aumentar o apelo popular da sua figura como líder e salvador.

No final de 1938, em reportagem de José Sanchez-Arcilla, que não é um jornalista regular do periódico, mostra-se o Caudilho em sua “intimidade”. É dito que recebe apenas duas mil pesetas, não fuma, dedica-se a sua família nas horas de descanso e deita cedo. Curiosamente, e não por acaso, enfatiza-se que não se descobre na sua fala nenhum acento regional” apesar de Franco ser galego. Também chama o seu castelhano de “puro de Santa Teresa”. Reporta ainda que fala pouco, é certo em seus juízos e seus gestos “carecem de teatralidade”. Apesar disso, quando grita “Arriba Espanha!”, segundo o jornalista, “transmite a estas palavras uma emoção indescritível”. Por fim, diz que os três amores do generalíssimo são “Deus, Pátria e Família”<sup>106</sup>. O lado religioso do militar é mostrado em diversos momentos, como na notícia de que ele orou ante o tumulo de São Tiago, importante símbolo para o catolicismo Espanhol<sup>107</sup>.

Em outro curioso momento, ao reportar que o Caudilho comutou a pena de morte contra 60 acusados políticos, a ação é caracterizada literalmente como um ato de clemência<sup>108</sup>. É possível especular se abordar esse fato desse modo foi uma tentativa de escapar da censura e mostrar os assassinatos cometidos pelos *Nacionales* ao público, mas é difícil precisar tal afirmação.

---

<sup>105</sup> Diário de Lisboa, nº 4985, Ano 16, Sexta, 2 de Outubro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06284#!1>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

<sup>106</sup> Diário de Lisboa, nº 5766, Ano 18, Sexta, 9 de Dezembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 9. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07117#!9>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>107</sup> Diário de Lisboa, nº 5672, Ano 18, Domingo, 4 de Setembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07016#!4>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

<sup>108</sup> Diário de Lisboa, nº 5073, Ano 16, Domingo, 3 de Janeiro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06379>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Ao tratar dos acontecimentos que levaram Franco à posição oficial de chefe militar e político do movimento, encontramos mais elogios ao general, “Comandante prestigioso e esclarecido” que sabe conduzir as suas tropas à vitória, hábil diplomata, negociador e cauteloso<sup>109</sup>. Ironicamente, após diversas edições elogiando o Caudilho, o correspondente Rogerio Perez finaliza sua coluna dizendo que: “Das qualidades de Franco não escrevemos uma palavra, e menos um adjetivo. Seria um mau agradecimento para ele, que a tal ponto detesta os elogios”<sup>110</sup>, depois de fazer exatamente isso na mesma edição.

### 3.3.2 EMILIO MOLA

Um dos principais nomes por trás do golpe de 1936, o general Emilio Mola se destacou por comandar as operações militares após o fracasso inicial do *Alzamiento*. Devido à morte do general Sanjurjo (quem iria liderar a insurreição) em acidente aéreo em Portugal, Mola se tornou o comandante da campanha do Norte, tendo atuação de destaque especialmente nas operações no País Basco. Morreu em junho de 1937 em um acidente de avião causado pelo mal tempo. Antes de falecer, era o único que dividia o espaço de liderança junto a Franco, fato perceptível na cobertura feita pelo jornal. Aparece com frequência nas manchetes como um grande líder, com papel destacado nas decisões de planejamento e estratégia, em conjunto com o Generalíssimo.

No dia 5 de agosto de 1936 o jornal apresentou uma seção chamada “Quem é o general Mola”<sup>111</sup>, acompanhada de uma mini biografia. A matéria enfatiza tratar-se de um oficial do tipo alemão, seco, enérgico, de traços duros, que fala pouco, mas que atua com capacidade de decisão surpreendente. Além dos habituais trechos mostrando os generais sendo ovacionados pela população, exalta sua grande habilidade militar e diplomática<sup>112</sup>. Em outro momento, o general, curiosamente, chega a defender a separação entre a Igreja e o Estado, porém, de maneira dúbia, fala que não se trata de um divórcio, mas sim de “uma

---

<sup>109</sup> Diário de Lisboa, nº 5265, Ano 17, Sábado, 17 de Julho de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06575>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>110</sup> Diário de Lisboa, nº 5328, Ano 17, Sábado, 18 de Setembro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 5. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06640#!5>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

<sup>111</sup> Diário de Lisboa, nº 4927, Ano 16, Quarta, 5 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 13. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06217#!13>>. Acesso em: 10 maio 2021.

<sup>112</sup> Diário de Lisboa, nº 5265, Ano 17, Sábado, 17 de Julho de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 10. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06575#!10>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

forma exterior do casamento espiritual. A Espanha não pode deixar de ser católica”<sup>113</sup>. Na mesma edição justifica a rebelião contra a República e novamente defende uma “Espanha grande, forte e poderosa, que não tenha, como até aqui, necessidade de mendigar tratados de comercio”; são um punhado de declarações do general que funcionam como uma grande peça de propaganda veiculada pelo jornal.

A morte do general em 3 de junho de 1937 recebeu grande destaque:

Se Franco detem o prestígio e é o chefe heroico e simpático de juventude, cujo sorriso sabe galvanizar as massas e levantar as casernas – Mola, com o seu feição duro, dinâmico, dum visão rápida perante o acontecimento era, por excelência, o estratégico, de concepção ousada, cuja tática saía fóra das teorias das academias militares, elaborada instantaneamente, conforme as circunstâncias no campo de batalha. Era o homem dos “golpes” fulgurantes. A marcha sobre Madrid, com Yague, no comando, e depois Varela, foi rasgo seu. (DIÁRIO DE LISBOA, 1937, p. 4).<sup>114</sup>

E continua: “Mola formou-se na dura escola de Africa, nesse Marrocos regado de sangue espanhol, que durante anos, foi um martírio heroico”, novamente, tratando o colonialismo com naturalidade. Enfatiza que “Serviu a monarquia, com lealdade, a-pesar-de não ser seu adepto” e durante a ditadura de Primo de Rivera “reprimiu, implacavelmente, a actividade das esquerdas sociais”, exalta sua “grande cultura”, afirmando que lia de tudo, “até mesmo as obras extremistas. Lénine, Bakounine, Trotsky estavam na sua biblioteca”. Por fim: “A morte do general Mola produziu penosa impressão em toda a Espanha nacionalista, que amava profundamente o chefe do exercito do Norte”. Após sua morte o jornal continua reportando homenagens posteriores, como, por exemplo, na ocasião em que o ministro do Interior ordenou alterar o nome da pequena cidade onde o general morreu; assim, virou “Alcocere de Mola”<sup>115</sup>. Da mesma forma, são citados monumentos construídos em homenagem ao general<sup>116</sup>.

---

<sup>113</sup> Diário de Lisboa, nº 5101, Ano 16, Segunda, 1 de Fevereiro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06407#!4>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

<sup>114</sup> Diário de Lisboa, nº 5222, Ano 17, Sexta, 4 de Junho de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06531#!4>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

<sup>115</sup> Diário de Lisboa, nº 5573, Ano 18, Sábado, 28 de Maio de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06897#!8>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>116</sup> Diário de Lisboa, nº 5575, Ano 18, Segunda, 30 de Maio de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06900#!8>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

### 3.3.3 GONZALO QUEIPO DE LLANO

Com um número reduzido de homens, Queipo de Llano comandou o golpe de Estado em Sevilla, importante centro operário, iniciando uma feroz repressão com diversos episódios de assassinatos indiscriminados. Se destacou pelo uso de radiodifusão como meio de divulgar a causa dos *Nacionales* e incitar o terror entre a população, chegou até mesmo a incentivar a prática de violência sexual contra mulheres “vermelhas”. Exaltado pelo Diário como “filho predilecto de Sevilha”, é um dos generais que receberam maior destaque nas páginas do jornal. Parte disso se deve a presença de correspondentes do periódico na mesma região onde suas tropas estavam operando, mas, também, devido a seu conhecido esforço propagandístico. Em dado momento chega a ser enfatizado que o general resolveu<sup>117</sup> permanecer em Sevilha para cumprir sua dupla missão: a de ser o chefe militar na Andaluzia e a de ser um propagandista incansável e entusiástico. Tal fato fica evidente quando o general é mostrado de maneira inegavelmente positiva, como por exemplo em uma foto entregando a chave de uma casa a um legionário mutilado como recompensa pelos seus feitos de guerra<sup>118</sup>.

Além do periódico enfatizar seus discursos, Queipo de Llano concedeu entrevistas ao Diário. Nelas, foi exaltado pelos seus feitos militares. Em uma conversa com Felix Correa, ainda no começo do conflito, o correspondente faz questão de destacar que o general o recebeu logo que soube que se tratava de um jornalista português. Após afirmar que tinha certeza na vitória, o militar surpreendentemente, admite os fuzilamentos contra Republicanos na Andaluzia, mas restringindo-se a sua estimativa bem conservadora de “mais de vinte elementos perniciosos à Espanha”<sup>119</sup>. De qualquer forma, trata-se de algo que provavelmente não seria dito nem veiculado nos anos seguintes. Contudo, a postura e a personalidade habitual do general já é mostrada de maneira realista. Ele diz que as declarações dos “marxistas” de que os *Nacionales* matam mulheres, crianças e famílias inteiras é falsa, e que, na verdade, é o contrário, pois são os Republicanos quem tem praticado “verdadeiras barbaridades”<sup>120</sup>, dando detalhes de diversos fatos. Todavia, já é amplamente conhecido que nos primeiros momentos do golpe, em bairros de Sevilha, militares e milicianos Rebeldes

---

<sup>117</sup> Provavelmente motivado também por outros fatores, como falta de suprimentos.

<sup>118</sup> Diário de Lisboa, nº 5518, Ano 17, Sábado, 2 de Abril de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06834#!8>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

<sup>119</sup> Diário de Lisboa, nº 4929, Ano 16, Sexta, 7 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06219#!4>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

<sup>120</sup> Diário de Lisboa, nº 4939, Ano 16, Segunda, 17 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06230#!8>>. Acesso em: 8 maio 2021.

invadiram casas de anarquistas e socialistas atirando e matando indiscriminadamente mulheres, crianças e idosos (BUADES, 2013, p. 105), apenas para citar um entre os muitos exemplos de crueldades cometidas em regiões sobre o comando de Queipo de Llano. Desse modo, temos aqui um dos vários episódios em que o Diário reproduz a narrativa maniqueísta e deliberadamente falsa dos *Nacionales*.

Diversos trechos de seus discursos, ao público em geral, também são veiculados; em um deles se posiciona pelo fim da guerra social em prol da colaboração entre as classes<sup>121</sup>. Em outro momento é mostrado como amigável aos fascistas, sendo chamado de o “general mais simpático” pelos falangistas, na ocasião também desejou boas-vindas a uma delegação da Juventude Hitleriana, além de afirmar que não há verdadeira liberdade senão nos estados totalitários. Em relação a Portugal, em uma edição ele elogia os voluntários portugueses e as ações de Salazar, enfatizando ainda que a “Espanha Nacionalista” jamais esquecerá o esforço heroico dos voluntários italianos e portugueses “pela sagrada causa do Direito e da Civilização cristã”<sup>122</sup>. No que certamente é seu discurso mais inflamado publicado pelo jornal, elogia novamente a posição de Salazar frente à guerra e critica a maçonaria e o “judaísmo”. Por fim, faz uma sequência de “vivas” a Mussolini, ao Rei-Imperador, a Itália, Portugal, Salazar, a Alemanha, o Marrocos, a própria Espanha e ao “Generalíssimo”.

### 3.3.4 JUAN YAGÜE

Yagüe ficou conhecido por pertencer ao grupo dos militares “africanistas” do exército espanhol. Muito próximo de José António Primo de Rivera e da Falange Espanhola, teve um importante papel na guerra desde o Levante, em 1936, até a decisiva batalha do Ebro. Como coronel, nos dias posteriores à Batalha de Badajoz, ordenou a morte de, no mínimo, 2 mil pessoas, com estimativas chegando a mais de 4 mil, cerca de 10% da população local (BUADES, 2013, p. 111). O massacre foi algo sem precedentes desde o início do conflito e até hoje é um dos episódios mais lembrados por aqueles que persistem na denúncia dos crimes do franquismo. Foi nessa ocasião que Yagüe adquiriu a fama de “Carniceiro de Badajoz”.

Ele é um dos militares mais exaltados no Diário, com suas vitórias sempre sendo destacadas. Contudo, temos aqui um dos casos mais destoantes entre a cobertura heroica e

<sup>121</sup> Diário de Lisboa, nº 4939, Ano 16, Segunda, 17 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06230#!8>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

<sup>122</sup> Diário de Lisboa, nº 5824, Ano 18, Quarta, 8 de Fevereiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07175#!8>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

sem muitos questionamentos feita pelo jornal (na maior parte do tempo) e a violência por ele cometida na guerra. Porém, nas primeiras semanas de conflito, o jornal se destacou por uma ação fora do comum dentre os jornais portugueses do período, o relato dos massacres que, de fato, estavam acontecendo. Yagüe foi entrevistado brevemente pelo correspondente Mario Neves, junto de outros jornalistas, logo após a tomada de Badajoz. O próprio militar confirmou que havia muitos prisioneiros, porém, quando perguntado quanto aos fuzilamentos e as especulações de que pelo menos duas mil pessoas haviam sido executadas, Yagüe desconversa, fala que não devem ser tantos, concluindo a entrevista<sup>123</sup>. Uma terceira matéria feita pelo correspondente acabou censurada e isso influenciou na abordagem mais subserviente e pouco questionadora quanto aos acontecimentos na Espanha dali por diante, delimitada também pelo aumento do rigor na censura de assuntos relacionados a Guerra Civil Espanhola.

Sendo assim, Yagüe foi constantemente apresentado como um bravo militar; o jornal chega a se referir a ele como o “grande general de Marrocos”, “por quem todos os legionarios e os mouros têm verdadeira devoção”<sup>124</sup>. Suas vitórias militares são constantemente exaltadas, podemos localizar diversos exemplos, como um balanço de sua participação no conflito, feito ainda em 1937, onde trata da marcha fulminante da sua coluna de “mouros” e regulares de Sevilha a Toledo, como sendo “um dos episódios gloriosos da guerra civil espanhola”<sup>125</sup>. A essa altura, reporta que em Badajoz e Talavera mostrou-se à altura da gravidade da situação, omitindo os massacres ocorridos, o jornal realça a sua aptidão, revelada “na precisão com que soube vencer em Merida e Oropesa, abrindo o caminho da capital às suas tropas”. Apontado também como um dos chefes da “reconquista” de Teruel<sup>126</sup>, o jornal ainda destaca que

---

<sup>123</sup> Diário de Lisboa, nº 4937, Ano 16, Sábado, 15 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06228>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

<sup>124</sup> Diário de Lisboa, nº 5816, Ano 18, Segunda, 30 de Janeiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07167#!4>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

<sup>125</sup> Diário de Lisboa, nº 5265, Ano 17, Sábado, 17 de Julho de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 11. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06575#!11>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>126</sup> Diário de Lisboa, nº 5497, Ano 17, Sábado, 12 de Março de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06811#!8>>. Acesso em: 4 mar. 2021.

Zaragoza, cidade que havia sido frente de batalha, se tornou retaguarda “graças a Yague”<sup>127</sup> e exalta “A grande derrota” infligida por ele aos “vermelhos do Ebro”<sup>128</sup>.

Outro episódio digno de nota envolvendo o futuro general, ainda coronel naquele momento, ocorreu quando Franco, contrariando a lógica militar, optou por ordenar o desvio das tropas de Yagüe, que estavam indo para Madrid, para “libertarem” a cidade de Toledo. Tal decisão deixou o comandante furioso, o que o fez ser exonerado. O parecer oficial sobre o caso foi de que a medida fora tomada para preservar a saúde do coronel; informação veiculada no jornal<sup>129</sup>. Contudo, posteriormente, Yagüe voltou para o campo de batalha, o que foi reportado pelo jornal sem maiores explicações.

Tratando da ofensiva do Ebro declarações do militar foram veiculadas sem grandes questionamentos e contrapontos quanto à veracidade ou coerência das mesmas. Desse modo, Yagüe reclamou do “auxílio internacional apresentado aos vermelhos”, denunciou “enormes quantidades de material de guerra” entrando pela fronteira, como se os próprios *Nacionales* não recebessem ajuda das potências fascistas, além de tratar o Comitê de Não-Intervenção como um complô das democracias contra “os verdadeiros espanhóis”<sup>130</sup>. Por fim, o periódico exalta sua figura quando diz que enquanto Varela envelheceu nestes dois anos de campanha, “Yague está mais novo. Dir-se-ia que reconquistou a sua mocidade, uma mocidade de cabelos brancos, juba leonina, que ele constantemente sacode com a mão, descobrindo a sua fronte alta e energética”<sup>131</sup>. O correspondente Artur Portela ao entrevistá-lo destacou que:

Não julgue o leitor que a entrevista se realizou num gabinete, ou á mesa dalgum hotel ou dalgum restaurante. Com Yague, em campanha, só se consegue falar nas ruas, quando ele as atravessa rapidamente dum para outro dos vários locais que é indispensável visitar. (DIÁRIO DE LISBOA, 1936, p. 4).<sup>132</sup>

<sup>127</sup> Diário de Lisboa, nº 5563, Ano 18, Quarta, 18 de Maio de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06886#!4>>. Acesso em: 3 mar. 2021.

<sup>128</sup> Diário de Lisboa, nº 5657, Ano 18, Sábado, 20 de Agosto de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.06999#!8>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

<sup>129</sup> Diário de Lisboa, nº 5029, Ano 16, Segunda, 16 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06333#!1>>. Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>130</sup> Diário de Lisboa, nº 5675, Ano 18, Quarta, 7 de Setembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07019#!5>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

<sup>131</sup> Diário de Lisboa, nº 5783, Ano 18, Terça, 27 de Dezembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07134#!4>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

<sup>132</sup> Diário de Lisboa, nº 4963, Ano 16, Quinta, 10 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06258#!4>>. Acesso em: 9 maio, 2021.

### 3.3.5 JOSÉ ANTÓNIO PRIMO DE RIVERA

Filho do antigo ditador Miguel Primo de Rivera, José António Primo de Rivera foi o fundador e principal liderança da Falange Espanhola, principal organização política de perfil fascista do país. Desde o início do conflito foi um nome constante nas páginas do Diário. Não chega a competir com a presença de Franco ou Mola, nem com a frequência com que foram citados Queipo de Llano e Yagüe, mas é um dos principais nomes presentes nas edições do jornal nos primeiros meses do conflito.

O líder da Falange no início da guerra chega a ser mencionado avançando com suas tropas em Madrid, notícia evidentemente falsa, pois o mesmo se encontrava preso no período. Mesmo nessas condições continua sendo citado com certa frequência. No dia 6 de agosto de 1936, o enviado especial Artur Portella diz que uma rua foi batizada com o seu nome, que não se sabe se está vivo ou morto, mas acrescenta: “O que não morreu foi o movimento que ele criou. Se triunfa não sei, mas que a árvore tem raízes e que os seus braços se multiplicam é indiscutível”<sup>133</sup>. O falangista chega a ser comparado com o emblemático rei Português D. Sebastião, em clara analogia ao “Sebastianismo” e a esperança pela volta do líder, que na época estava reportadamente preso, mas tinha seu destino ainda incerto (com boatos quanto a ele já estar morto).

Sobre o julgamento de José António Primo de Rivera pela justiça Republicana (acusado de incitar o golpe de Estado de 18 de julho), o jornal destaca que ele é advogado e defenderá a si próprio, assim como seu irmão e sua cunhada. O Diário veicula o seu posicionamento oficial:

Na sua declaração fez a historia da sua acção politica e alargou-se em considerações acêrca da ditadura exercida por seu pai. Reconheceu que fundou um partido que depois se fundiu com as juventudes duma organização nacional-socialista, mas nega que esta organização tivesse vistas imperialistas. (DIÁRIO DE LISBOA, 1936, p. 4).

<sup>134</sup>

Afirmou ainda que a sua intenção era substituir o regime constitucional por um regime sindicalista, além de dizer que sua viagem para a Alemanha não teve caráter político. “Assegura que nunca conspirou contra o Estado e que não teve conhecimento das intenções

<sup>133</sup> Diário de Lisboa, nº 4928, Ano 16, Quinta, 6 de Agosto de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06218#!1>>. Acesso em: 3 maio 2021.

<sup>134</sup> Diário de Lisboa, nº 5030, Ano 16, Terça, 17 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06334#!4>>. Acesso em: 7 fev. 2021.

dos rebeldes”<sup>135</sup>. Sua morte foi abordada sem grande ênfase, já que a essa altura era apenas questão de tempo. Porém, o jornal ainda encontrou um jeito de desdenhar dos Republicanos, afirmando que “foi fuzilado ontem em Alicante, ao romper da manhã. Na Espanha sem homens, ele era um homem-com sangue, nome, alma e a vocação sublime dos martires”<sup>136</sup>.

### 3.3.6 OUTROS PROTAGONISTAS DESTACADOS

Dentre os demais nomes de destaque que participaram do golpe de Estado e da guerra, o general José Sanjurjo é um que merece ser citado. Apesar de ter morrido ainda nos primeiros dias de conflito em um acidente de avião, o general, que estava exilado em Portugal, foi exaltado nas páginas do periódico na ocasião de sua morte. Sanjurjo foi caracterizado como leal, honesto, bravo, de inteligência esclarecida, energia indomável e profundamente espanhol.

Miguel Cabanellas, um dos mais importantes generais da sua época, também foi uma presença razoavelmente frequente no jornal. Concedeu mais de uma entrevista aos correspondentes e, como de costume, foi apresentado de maneira geralmente positiva e amigável para com Portugal. Sua morte acabou sendo repercutida de maneira protocolar, sem maiores destaques.

José Enrique Varela foi outra presença marcante ao longo de 1936; com frequência era mencionado respondendo algumas perguntas aos correspondentes. Como de costume, é mais um general caracterizado como “heroico”, chegando a ser destacado como “libertador de Toledo” e um chefe militar de muitos trunfos<sup>137</sup>. Além das habituais referências elogiosas à Portugal<sup>138</sup>, Varela também foi citado realizando grandes feitos militares e acusando os Republicanos de fuzilamentos em massa, o que é irônico para um dos principais envolvidos no Massacre de Badajoz.

Finalmente, deve-se citar o general Fidel Dávila, quem foi nomeado Comandante em Chefe do Exército do Norte após a morte de Mola. Participou de episódios relevantes do conflito como a tomada de Bilbao, a ofensiva de Aragão e a ofensiva final contra a Catalunha.

---

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Diário de Lisboa, nº 5034, Ano 16, Sábado, 21 de Novembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06339#!1>>. Acesso em: 7 fev. 2021.

<sup>137</sup> Diário de Lisboa, nº 5088, Ano 16, Segunda, 18 de Janeiro de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06394#!8>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>138</sup> Diário de Lisboa, nº 4987, Ano 16, Domingo, 4 de Outubro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06286>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

Suas operações militares em Santander foram caracterizadas como brilhantes<sup>139</sup>, além de citar outras localidades que caíram ante suas tropas. Chegou a ser chamado de “o maior estrategista desta guerra”<sup>140</sup>, sendo saudado pela população entusiasmada<sup>141</sup>. Por fim, sua presença é registrada no banquete em honra da missão militar portuguesa bebendo pela prosperidade do Exército Português, “por Carmona e por Salazar”<sup>142</sup>.

---

<sup>139</sup> Diário de Lisboa, nº 5296, Ano 17, Terça, 17 de Agosto de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06608#!4>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

<sup>140</sup> Diário de Lisboa, nº 5302, Ano 17, Segunda, 23 de Agosto de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06614#!5>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

<sup>141</sup> Diário de Lisboa, nº 5306, Ano 17, Sexta, 27 de Agosto de 1937, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1937, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06618#!8>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

<sup>142</sup> Diário de Lisboa, nº 5741, Ano 18, Domingo, 13 de Novembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07091#!8>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

#### 4 O ESTADO NOVO DE SALAZAR NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Como abordado anteriormente, o governo de Salazar tinha grande interesse no resultado do conflito e estava ideologicamente alinhado com os Sublevados; logo, apoiá-los era o caminho natural. Contudo, esse apoio se deu de maneira muito mais discreta e em menor escala do que o fornecido pelas potências fascistas. Devido à necessidade de não divergir radicalmente dos britânicos, historicamente o maior aliado diplomático de Portugal, além do receio de acabar se envolvendo em um conflito europeu generalizado, Salazar manteve-se cauteloso. Até por Portugal ser um país periférico dentro da Europa, sem grande poder bélico ou peso político. Portanto, o governo Salazarista manteve o seu auxílio ao longo da guerra, mas sempre de maneira dissimulada aos olhos da opinião internacional.

A assistência portuguesa ocorreu, principalmente, por meio de esforços diplomáticos, sendo um firme aliado da causa dos *Nacionales* perante o Comitê de Não-Intervenção e da opinião pública internacional. O Estado Novo ainda prestou importante apoio aos Rebeldes, funcionando como uma das principais portas de entrada de suprimentos, principalmente no início do conflito, quando forneceu armas e assistência logística, além de permitir que os Sublevados usassem estradas, ferrovias e portos portugueses para acesso de provisões vitais. Posteriormente o ditador ainda autorizou o recrutamento de voluntários para lutarem na Guerra, os Viriatos. Porém, buscou desvencilhar a imagem deles do seu Governo.

O *modus operandi* das notícias relacionadas ao governo parece ser sempre bem formal. Provavelmente por causa das limitações da censura, o jornal fala relativamente pouco do contexto interno português, e quando cita o governo e novidades relacionadas ao mesmo costuma repercutir os comunicados oficiais, que por vezes acabam sendo publicados em sua totalidade. Dessa forma, a cobertura feita pelo jornal das atitudes de Salazar face aos debates do Comitê de Não-Intervenção são mostradas, geralmente, de maneira protocolar ou positiva. Desse modo, enfatiza-se muito a aparente defesa da neutralidade de Portugal frente ao conflito, com frequentes acusações contra os “bolcheviques” e ressaltando valores como a prudência e a autopreservação portuguesa.

Durante os primeiros meses da guerra, diversas visitas e fotos de Salazar em indústrias bélicas e depósitos de materiais de guerra são publicadas, assim como reportagens sobre a marinha portuguesa. Essas matérias estão relacionadas ao fato do então presidente do Conselho de Ministros ter assumido a pasta da Guerra e estar cuidando do rearmamento do país, que além de ser um meio encontrado pelo ditador para acalmar os ânimos militares (MENESES, 2011, p. 236), aparentava ser uma tentativa de mostrar à população local como o

país estava bem protegido, mesmo em um contexto de conflito civil no país vizinho. Em nota oficial, o próprio Salazar enfatiza: “O que se passam além-fronteiras só nos interessa na medida em que perturba e abala a paz e a comunidade lusíadas”. Destaca, além disso, que “não costumamos introduzirmos na casa alheia”<sup>143</sup>. Logo abaixo da declaração, não por acaso, o jornal trata do decreto de uma lei contra o comunismo e ideias subversivas, evidenciando uma das principais preocupações do presidente do Conselho em relação à Guerra Civil na Espanha.

Nos primeiros meses de guerra é dado um grande foco para as respostas do governo português ao Comitê de Não-Intervenção. Em outro momento, o jornal destaca as manifestações em apoio ao governo “por motivo de sua nobre atitude ante as acusações gratuitas e malevolas feitas por russos e por espanhóis do governo de Madrid no Comitê de Não-Intervenção em Londres.”<sup>144</sup>.

O rompimento de relações com o governo Republicano é mostrado no jornal, como de costume, por intermédio de notas oficiais<sup>145</sup>. Em outro momento, destaca atitudes tomadas no Comitê de Não-Intervenção como ditadas pela sua especial situação geográfica e pela, suposta, compreensão exata da luta que se trava em Espanha “entre nacionalismo e internacionalismo”<sup>146</sup>. Nessa mesma edição enfatiza-se que o governo não compactua com a fiscalização em seus portos e fronteiras, posição frequente e que será reafirmada por diversas vezes daqui para frente. Por fim, ainda fala que a posição que Portugal assumiu no Comitê parece causar “engulhos a certa imprensa francesa, que teima em ver o problema de Espanha apenas através dum prisma favorável á Frente Popular” e afirma que governo português, coerente com a posição que tomou desde o início do conflito, segundo o jornal, não pretende de modo algum fazer “sabotagem sistematica” como afirma com “lamentavel impertinencia” um colaborador do “Populaire”.

Com o fim do conflito, informado pelo jornal ainda no dia 28 de março de 1939, o Diário não perde tempo em enfatizar que Portugal, “graças a uma visão dos acontecimentos

---

<sup>143</sup> Diário de Lisboa, nº 4963, Ano 16, Quinta, 10 de Setembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06258>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

<sup>144</sup> Diário de Lisboa, nº 5013, Ano 16, Sábado, 31 de Outubro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06316#!1>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

<sup>145</sup> Diário de Lisboa, nº 5006, Ano 16, Sábado, 24 de Outubro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 4. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06307#!4>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

<sup>146</sup> Diário de Lisboa, nº 5058, Ano 16, Quarta, 16 de Dezembro de 1936, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05762.026.06363#!1>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

que transcendeu o sentido de algumas chancelarias”, percebeu desde o princípio o desfecho da guerra<sup>147</sup>. O êxito apontado como incontestável da política de Salazar é fortemente exaltado: “O homem, que não só vê mas prevê, nunca avalia os acontecimentos por parcelas, soltando-os uns dos outros, porque os abraça na sua totalidade, como uma viva criação do tempo e do espírito”. E vislumbra Madrid ao lado de Portugal, saída de um grande pesadelo.

As notícias diretamente relacionadas ao Estado Novo e suas atitudes frente à guerra são “engessadas”, costumam ser reportadas de maneira bem protocolar, por vezes publicando na íntegra notas oficiais ou reportando decisões com adjetivações elogiosas. É evidente o peso que a censura tem sobre o modo como são reportadas as atitudes de Salazar, algo esperado quando se trata uma temática sobre a qual haviam normas de censura melhor estabelecidas e que historicamente recebeu um cuidado mais apurado nesse sentido. A ênfase nas discussões portuguesas no Comitê de Não-Intervenção perdem espaço com o tempo, e a passagem do enviado especial do governo pela Espanha recebe um destaque considerável, especialmente em fotos. Quanto à atuação dos Viriatos portugueses no conflito, a partir do momento em que se relata a presença deles na Espanha, suas ações começam a ser exaltadas, enaltecendo seu alto valor patriótico e seu heroísmo. O tom ufanista desses relatos, combinados com exageros factuais, chegam a incomodar a própria ditadura, que temia se comprometer e desgastar frente à opinião pública internacional e os *Nacionales*, assim, decidindo por um basta nisso.

#### 4.1 O Enviado Especial

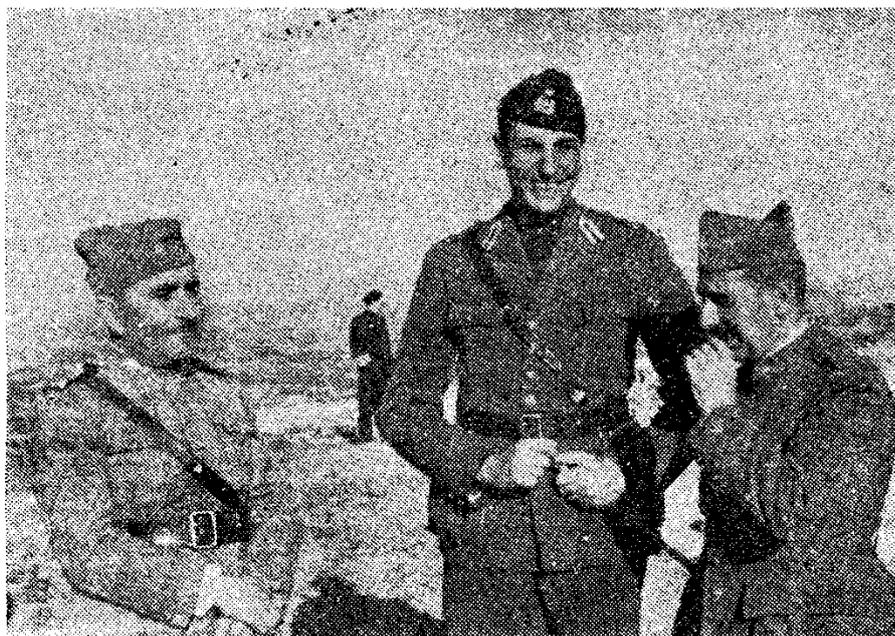
Pedro Teotónio Pereira é apontado como um homem de confiança de Salazar. Desempenhou um papel importante durante a fase transitória entre o efetivo reconhecimento dos *Nacionales* por Lisboa (VIEIRA, 2011, p. 29), oficialização que era esperada desde o rompimento de relações com governo Republicano (em outubro de 1936) e o reconhecimento de jure (em abril de 1937). Com o tempo, o teatro habilmente executado por Salazar no Comitê de Não-Intervenção perdeu espaço nas páginas do jornal. Contudo, a presença de um enviado especial português junto do governo de Franco foi ganhando destaque. O “Agente Especial português”, assim chamado pelo próprio jornal, foi formalmente nomeado embaixador em Madrid em 1938 e uma presença frequente nas páginas do Diário nesse período. Quando aparece costuma-se destacar que ele era popular e prestigiado entre os *Nacionales*, enfatiza-se a boa imagem de Salazar na Espanha e as amistosas relações entre os

---

<sup>147</sup> Diário de Lisboa, nº 5871, Ano 18, Terça, 28 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07225>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

dois governos. Apenas para citar alguns exemplos, em um momento destaca que a obra do Estado Novo foi elogiada em Vigo<sup>148</sup> e em outro o próprio enfatiza positivamente a relação entre os países, “dois povos irmãos que se estimam, valorizam e respeitam pelo que podem olhar para o futuro com alegria.”<sup>149</sup>. Frequentemente aparecia em fotos com legionários e nomes do alto escalão dos *Nacionales*, como pode ser visto na Imagem 7.

### **Imagem 7 – Teotónio Pereira ao lado do general Dávila e Anacleto dos Santos**



**O embaixador de Portugal dr. Teotonio Pereira (ao centro) assistindo com o general Davila e o coronel tirocinado para general Anacleto dos Santos, às operações na frente da Catalunha**

Fonte: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.06988>

## **4.2 Os Viriatos**

Desde 1936, Jorge Botelho Moniz buscava reunir um corpo de voluntários para lutar na Espanha. Apesar de seus esforços, os voluntários portugueses acabaram não indo para a guerra da maneira como desejava. Devido à estratégia de Salazar de manter uma distância prudente de intervenções mais diretas no conflito, frente a comunidade internacional e ao Comitê de Não-Intervenção, iniciativas como essa foram descartadas. Contudo, houveram recrutamentos de combatentes portugueses, o que foi tacitamente autorizado pelo Estado

<sup>148</sup> Diário de Lisboa, nº 5633, Ano 18, Quarta, 27 de Julho de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.06962#!8>>. Acesso em: 9 maio 2021.

<sup>149</sup> Diário de Lisboa, nº 5558, Ano 18, Sexta, 13 de Maio de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06879#!8>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

Novo, e atraiu diversos jovens, principalmente, por questões econômicas<sup>150</sup>. Estima-se que em torno de 8000 portugueses lutaram pelas tropas de Franco (VIEIRA, 2011, p. 242). Na prática, os voluntários portugueses, nunca foram, de fato, um corpo autônomo, acabaram diluídos em diferentes agrupamentos militares *Nacionales*, como as colunas da Legião Estrangeira, unidades regulares do exército, aviação ou nas milícias falangistas e dos requetés. Apesar de, em referência ao líder lusitano “Viriato”<sup>151</sup>, serem conhecidos genericamente como “Viriatos”, nas fontes oficiais é mais comum que apareçam simplesmente como “voluntários” (VIEIRA, 2011, p. 125).

O jornal não aborda as motivações por trás da mobilização desses portugueses para a Espanha. As fontes das informações relacionadas a eles são frequentemente creditadas ao Botelho Moniz, seu pseudônimo ou a um “correspondente particular” (que provavelmente se trata do mesmo). Num primeiro momento, em 1938, fala-se dos Viriatos na frente da Catalunha, sob o comando de Yagüe. Destaca que se “distinguem dos companheiros pela fita verde-rubra que lhes ornamenta a camisa, sôbre o coração ou junto ao emblema legionario bordado nas platinas.”<sup>152</sup>. Elogios de generais espanhóis aos voluntários portugueses costumam ser enfatizados, até mesmo um feito pelo próprio Franco<sup>153</sup>. Além da relação amistosa entre os portugueses e os espanhóis, os valores em comum também são ressaltados, como pode ser visto em uma edição que aborda os Viriatos em uma missa<sup>154</sup>.

Em edições seguintes se destaca cada vez mais a maneira heroica como se portaram em batalhas, seja em Tremp, na bolsa de Bielsa ou a 3.000 metros de altura. O heroísmo dos legionários é constantemente destacado, fotos são comuns, mostrando até mesmo retratos de combatentes específicos, citando seus nomes, feitos, elogios recebidos e condecorações.

Os Viriatos em batalha são caracterizados pelo Diário de Lisboa “como verdadeiros leões”, responsáveis por terem contribuído para uma “brilhante” vitória<sup>155</sup>, destacando que

---

<sup>150</sup> Essa juventude, em sua maioria pobre, analfabeta e desempregada, especialmente de regiões rurais de Portugal, buscou na guerra uma aventura remunerada que permitiria um novo início em sua vida, já que a Espanha, apesar de estar em conflito, era um país consideravelmente mais rico.

<sup>151</sup> Que lutou contra a invasão romana na península Ibérica durante o Século II.

<sup>152</sup> Diário de Lisboa, nº 5564, Ano 18, Quinta, 19 de Maio de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, P. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06887#!4>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

<sup>153</sup> Diário de Lisboa, nº 5737, Ano 18, Quarta, 9 de Novembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, P. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07087#!8>>. Acesso em: 19 mar.2021.

<sup>154</sup> Diário de Lisboa, nº 5583, Ano 18, Terça, 7 de Junho de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4 e 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05763.027.06909#!4>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>155</sup> Diário de Lisboa, nº 5728, Ano 18, Segunda, 31 de Outubro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 8. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07076#!8>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

nos momentos mais difíceis da luta, quando eles arrancam para o assalto, gritam a plenos pulmões: “Portugal! Portugal! Portugal!”<sup>156</sup>. Outros diversos feitos são apontados como “heroicos”, “valentes” e “corajosos”, sempre enfatizando um grande sentido patriótico em sua luta. Mas a abordagem do jornal sofre uma mudança brusca. Na edição do dia 29 de novembro de 1938 desmente boa parte da cobertura que vinha fazendo sobre a ação portuguesa no conflito até então. É dito que “O comandante dos “viriatos desfaz certos exageros que vieram a publico sobre a acção dos portugueses nos ultimos combates travados na frente do Segre”<sup>157</sup>. O comandante, sem nome especificado<sup>158</sup>, afirma que “- Elogios imerecidos repugnam-me mais que calunias” e enfatiza que “Os “Viriatos” não querem nem precisam romancear os factos para a sua propaganda. O que fazem basta-lhes.”, apontando ainda que, ao contrário do que foi reportado pela mídia, não houve em Venta de Camposines qualquer ação dos voluntários. O comandante não para por aí e ainda diz que não abateram até hoje um avião sequer, chega a dizer que certos legionários reportados em um jornal (que não foi especificado) sequer existem. Contudo, acrescenta que “O patriotismo anda cá dentro de nós, á nossa maneira de militares, sem os ridiculos nem as pieguices que as agencias telegraficas inventam” e que “O exercito espanhol, (...) não necessita lições de heroismo de ninguém...”. Em síntese, dá uma visão mais realista e menos romantizada do que de fato estava acontecendo no campo de batalha: “Os portugueses, hoje minoria infima nesse exercito, merecem pelo numero dos seus mortos pelos seus feitos veridicos todos os elogios. Mas são falsos e criminosos quantos se fizeram em detrimento das forças de Franco”, e ainda diz que “Se um “Viriato” se distingue, com certeza, a seu lado, dezenas de espanhóis se distinguiram tambem”.

Por fim, afirma:

O patriotismo verdadeiro (...). Consiste, sim, em agir de forma tal que o nosso sacrificio seja util as boas relações futuras entre os dois povos da Peninsula, e para isso aqui estamos. Ha que evitar tudo quanto possa prejudica-las. Que importa que essas noticias sejam elogiosas para nós, se elas não correspondem á verdade e

<sup>156</sup> Diário de Lisboa, nº 5731, Ano 18, Quinta, 3 de Novembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07081#!4>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

<sup>157</sup> Diário de Lisboa, nº 5757, Ano 18, Terça, 29 de Novembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07107#!4>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>158</sup> Apesar de provavelmente ser, não encontrei fontes suficientes para afirmar com certeza se é o capitão da artilharia Jorge Botelho Moniz.

podem constituir motivo de dissensão? Sob a capa do patriotismo prestam serviço pessimo ao país. (DIÁRIO DE LISBOA, 1938, p. 4).<sup>159</sup>

O excerto em questão corrobora a afirmação de Rui Aballe Vieira (2011, p. 124), de que a própria mídia portuguesa, com seu ufanismo, incomodou Salazar e sua pretensão de se envolver na guerra de maneira discreta. Como apontado pelo autor, “o regime português desejou desde o primeiro momento conservar uma distância cautelosa no que tocava à participação de cidadãos nacionais na Guerra Civil Espanhola”. Apesar de instigar a luta contra o comunismo e a “defesa da civilização ocidental”, para o ditador, a presença das tropas portuguesa interessava “enquanto mais-valia quantificável e com valor de uso, a despender com parcimónia junto do alto comando franquista, sempre com o cuidado de nunca a exaltar para lá de toda a razoabilidade” (VIEIRA, 2011, p. 124), ou seja, com essa participação de portugueses na guerra buscava obter vantagens com o alto escalão do *Bando Nacional*, sem grandes intenções quanto ao uso propagandístico desses combatentes frente a opinião pública interna; também tentando conter exageros demasiados quanto a esse envolvimento, o que poderia irritar os franquistas e complicar o Estado Novo diante do Comitê de Não-Intervenção.

Desse ponto em diante o jornal passou a adotar uma postura mais contida em relação aos Viriatos, mas continua tratando da sua presença na guerra (sempre desde o ponto de vista dos *Nacionales*). Na edição do dia 2 de janeiro de 1939 deu destaque a dois novos voluntários que iriam lutar pela Legião. Após ambientar o leitor, aborda relação dos novos legionários com os demais portugueses que estavam naquele local. Na sequência, retorna a Botelho Moniz, dessa vez, falando que os Viriatos podem fazer tudo, menos fugir ou se entregar aos inimigos, destacando que: “em caso algum, ficam prisioneiros dos vermelhos. Isso é coisa que não se deu até hoje, nem se dará! Em apuro extremo já sabe o que lhes resta fazer.... Haja o que houver, sempre cara alegre!”<sup>160</sup> e declara “entre camaradas não ha criticas, nem discussões”. O Diário continua reportando mortes de portugueses na guerra, citando nomes e caracterizando-as como “heroicas”. Porém, em 1939, com a guerra se aproximando de seu fim, o foco foi centrado nas últimas frentes de batalha, dando menos importância à situação específica (e secundária) dos soldados lusos na Espanha.

---

<sup>159</sup> Diário de Lisboa, nº 5757, Ano 18, Terça, 29 de Novembro de 1938, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1938, p. 4. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07107#!4>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>160</sup> Diário de Lisboa, nº 5788, Ano 18, Segunda, 2 de Janeiro de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, P. 5. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07139#!5>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

Na edição do dia 29 de março de 1939, no final da guerra, o jornal revela quem era o seu correspondente X.Y.Z.<sup>161</sup>, como pode ser visto na Imagem 8. Ainda em 1939, devido ao retorno dos últimos membros da M.M.P.O.E. ao país, Botelho Moniz concedeu uma entrevista ao Diário de Lisboa na qual admitiu que a ajuda portuguesa foi diferente da alemã e da italiana<sup>162</sup>. Além de dar um parecer mais preciso da participação portuguesa, também desmentiu os exageros da imprensa (incluindo o próprio jornal). E, com a guerra já terminada, falou abertamente quanto ao envolvimento das potências fascistas.

---

<sup>161</sup> Diário de Lisboa, nº 5872, Ano 18, Quarta, 29 de Março de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07226#>>. Acesso em: 10 maio 2021.

<sup>162</sup> Diário de Lisboa, nº 5941, Ano 19, Quarta, 7 de Junho de 1939, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, 1939, p. 5. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05765.029.07303#15>>. Acesso em: 10 maio 2021.

# Imagem 8 – Jorge Botelho Moniz e a primeira noite depois da entrada dos soldados de Franco em Madrid

ANO 18.º

QUARTA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 1939

N.º 5872

# Diario de Lisboa

Numero Avulso: 40 CENTAVOS Editor — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA ADMINISTRADOR — Rua da Rosa, 67, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA	DIRECTOR <b>JOAQUIM MANSO</b>	Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e Impressão RUA LUÍS SORIANO, 44 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
--	----------------------------------	--

DOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS EM ESPANHA

## A primeira noite de Madrid

depois da entrada dos soldados de Franco

MADRID, 29 — Cai a noite. A multidão continua nas ruas. Pela primeira vez depois de novembro de 1936 — o mês do ataque a Madrid — a cidade ilumina-se, pobremente, com todos os recursos que possui. Banta diz-se que não há um candeeiro público com os vidros intactos! A população abre as janelas, para ajudar a iluminar as ruas com as luzes das suas casas.

Só ao amanhecer é que as tropas entram na cidade, encontrando os legionários constantemente, com manifestações de raparigas que, em camiões e a pé, cantam o «Oh, dois, três».

A «Gran Via» mudou de nome: passou a ser «Avenida General Franco».

Por entre o povo em festa, atravessam homens e mulheres, com móveis, colchões e outros objectos.

A Puerta del Sol continua cheia de gente. O Ministério de «Gobernacion» tem as janelas abertas; os seus lustres irradiam luz; acendem-se gumbares.

O «Metro» funciona — e já hoje fizeram não o percurso da «calle» Embajadores a «Puerta del Sol».

Consistentemente se ouvem vivas a Franco e ao Exército Nacional e do Falange, bem como canções legionárias. Há foguetes que estralaram, enquanto os sinos repicam tristemente.

Vamos à «Plaza de Oriente», e vemos



CAPITÃO JORGE BOTELHO MONIZ

que, sob o pseudónimo de «X. Y. Z.», tem publicado no «Diario de Lisboa» interessantes crónicas da guerra de Espanha

## OS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS entram em Madrid ontem às 13 e 30

MADRID, 28, às 16 e 10 (Atirado na trancastrada) — Entrámos em Madrid às 13 e 30, pela «calle» General Ricardo, atravessando cinco formidáveis muros de defesa em pedra e cimento.

As mulheres e os rapazes de Madrid vestiram as trincheiras, em ar de passeio domingueiro.

Os vermelhos abandonaram as suas trincheiras ontem, ao cair da noite.

Esta manhã entraram na cidade os primeiros combatentes nacionalistas, estando a entrada da ponte de Toledo guardada por muros.

Enquanto se organizam manifestações na cidade que foi alegre e confiante e que cortinamente voltara a si-lo, ha mulheres apanhadas destros de madeira para acender lante nas suas casas.

Atravessámos a Casa de Campo, passámos o Manzanares e dirigimo-nos à «calle» Alcalá.

Madrid, cheia de sol, recebeu a libertação com doçura.

Subimos a «Gran Via», onde ha muitos prédios intactos. No edificio da Telefonia flutua uma grande bandeira branca. E pela cidade ha milhares de bandeirolas, umas brancas, outras vermelhas e cinza.

Nas ruas contra-se um cêro:

«Os des, tres, tres! Madrid de Franco está!»

A Puerta del Sol estava coalhada de gente e de bandeirolas.

A «calle» Alcalá ficou quasi intacta. Mas, perto do Ministério da Fazenda, ha dois prédios destruídos.

A alegria da multidão é frenética, confundindo-se os combatentes nacionalistas com os membros da quinta coluna e com os populares extrínsecos ao conflito, para os quais a entrada das tropas foi uma libertação dum passado de quasi três anos. Madrid parece respirar.

O edificio da Telefonia tem as janelas muradas, para oferecer maior resistencia aos bombardeamentos passados.

Circulam os electricos — numerosas mulheres percorrem as ruas, em camiões, cantando o hino da Falange:

«En España empieza a amanecer!».

ARTUR PORTELA e ROGERIO PEREZ



O aspecto actual da Puerta del Sol. Ao fundo o Ministerio de «Gobernacion»

que no lindo friso de estatuas realçadas duas caíram, inutilizadas pela metralha. Ao centro — dum Filipe — como de resto outras duzentas lojas de Madrid, encontra-se resguardada por construções de telhados.

O Palacio do Oriente está intacto — antes, tem apenas ligeiras escoriações. As

planchas — que não tiveram medo da metralha — continuam voltando e pousando na fachada — que não tem espelhos como a igreja do Campo Santo... As escadarias do Palacio Real que davam para o Campo de Moro foram desmoronadas pela metralha.

Aquella parte de Madrid está deserta: foi esvaziada pelo pânico. Só se vêem destruições, ruínas. E é tudo dum branco espectral.

As longe, ha azues evesculturales goyescas.

Entramos na porta. Vemos um soldado sentado numa cadeira. Pergunhamos-lhe pela «Armería». Diz-nos:

— Parece que os stojos levaram todo o «recheio».

Na praça Isabel II, como à roda do Palacio, ha espessos muros de defesa, três e quatro na mesma rua, com aberturas, sempre desentocadas, para permitir a passagem aos peões. As janelas são menos numerosas do que se calculava.

Na «Plaza de las Cuatro Calles», a fl-sionomia não se alterou.

Toda a gente que pode recolhe lenha das ruínas. E que muitos viram-se obrigados, para cozinhar, a queimar tudo — incluindo-se livros!

As tropas continuam entrando, no meio dum entusiasmo indescrivel.

Apunhamos numa rua um exemplar de «El Liberal», do ultimo numero publicado. Sem anunciar a rendição, diz-se, no entanto, em normando: «Ni una gota más de sangre!».

Retornamos à luz dum vela.

Na «Calle Alcalá» continuam as manifestações. Madrid entregou, sinceramente, não apenas o seu corpo ferido, mas toda a sua alma!

ARTUR PORTELA e ROGERIO PEREZ

**Lêr na 8.ª página**  
**A RENDIÇÃO DE VALENCIA E DE CARTAGENA**

## 5 CONCLUSÃO

O trabalho em questão pretendeu contribuir com os estudos sobre a Guerra Civil Espanhola e o Estado Novo, mais especificamente, no que tange à atuação da imprensa portuguesa em relação ao conflito. Desse modo, buscou explorar como os *Nacionales* foram abordados no Diário de Lisboa, tentando compreender melhor de que maneira o conjunto dessas forças foram apresentadas aos leitores portugueses. Sendo assim, foi possível explorar com profundidade a cobertura jornalística feita pelo jornal, analisando em detalhes a atuação desse veículo de comunicação em um período no qual estava sujeito à máquina de censura de Salazar.

Talvez o mais sintomático da importância da Guerra Civil Espanhola para Portugal e os portugueses seja o fato de que as matérias sobre o conflito não apareciam na seção “Estrangeiro” do jornal. Essa seção é a que costumava dar uma breve síntese de diversas notícias internacionais, mas foi considerada pouco atrativa para a importância e o destaque que o editorial creditou ao acontecimento espanhol. A guerra foi um segmento quase permanente no Diário, recebendo com frequência parte da capa do periódico, além das importantes páginas centrais e finais. Em alguns momentos, o conflito e as discussões referentes a ele (como as relacionadas ao Comitê de Não-Intervenção) chegaram a compor quase metade das páginas de certas edições.

A cobertura feita pelo jornal certamente não foi inteiramente partidária e tendenciosa. É possível perceber, em diversos momentos, tentativas de buscar uma abordagem razoavelmente “neutra” da guerra, evitando uma completa subserviência aos interesses da ditadura Salazarista. A pesquisa de Alberto Pena Rodríguez (1997, p. 713) sobre a atuação da imprensa portuguesa no conflito caracteriza o Diário como menos tendencioso do que outras publicações, destacando que nele não há ironia nas informações e que as manchetes são menos parciais. Todavia, cabe salientar que, independente da impossibilidade de uma reprodução exata dos fatos e a inviabilidade de se alcançar uma objetividade absoluta nessa tarefa, o jornal, na prática, apresentava a Guerra Civil Espanhola de maneira consideravelmente parcial. É possível dizer que parte da ênfase dessa forma de reportar os fatos, com forte viés pró *Bando Nacional*, se deu devido à censura existente no período. Contudo, escolhas editoriais deliberadas, assim como a atuação de alguns jornalistas, também tiveram um peso significativo no resultado final tendencioso da cobertura.

A censura certamente pesou na reportagem do conflito realizada pelo Diário de Lisboa. Como já foi dito, o veto de matérias que tratavam abertamente a violência dos *Nacionales*,

nos primeiros meses de guerra, parecem ter direcionado a linha editorial no sentido de evitar uma cobertura mais acusatório contra as forças Sublevadas. Da mesma forma, pode-se intuir a existência de um maior cuidado dos Serviços de Censura em relação a atuação dos correspondentes (RODRÍGUEZ, 1997, p. 162). Assim, a falta de maior independência para os profissionais do periódico exerceu um impacto significativo no material que veio a público, seja pela ação censória da ditadura, pelo medo dela, por fatores de teor orçamentário (relacionadas a cortes nas edições) e outras pressões econômicas. No caso do Diário de Lisboa, temos uma demonstração direta dos efeitos práticos da relação entre a atuação dos meios de comunicação e a repressão do poder político predominante. Cabem aqui, pesquisas mais detalhadas sobre os arquivos dos órgãos de censura para apurar mais a fundo essa questão.

Contudo, o jornal também contava com claros apoiadores de Salazar e dos *Nacionales*, jornalistas que não faziam questão de esconder suas inclinações. A presença desses profissionais, abertamente partidários do salazarismo e do *Bando Nacional*, não era uma imposição direta feita pelo Estado Novo, e sim uma decisão deliberada da própria equipe editorial do jornal<sup>163</sup>. Assim, durante os anos do conflito espanhol, o Diário de Lisboa contou explicitamente com um nome da própria ditadura entre seus colunistas, o capitão Jorge Botelho Moniz. Apesar dele acrescentar muito nas informações do periódico, dada a sua posição privilegiada nas frentes de batalha (sendo um valioso correspondente), comprometeu a relativa idoneidade jornalística do veículo.

Responsabilizar exclusivamente os mecanismos de censura ou a influência do poder estatal ante a parcialidade apresentada pelo jornal, se mostra pouco plausível; afinal, o Diário deliberadamente contou com a participação de nomes notoriamente partidários. O capitão da artilharia, Botelho Moniz, além de ter atuado como propagandista dos Sublevados (não apenas em Portugal, mas também na Espanha), também desempenhou funções de censor. Ou seja, ativamente buscou evitar que a imprensa portuguesa publicasse informações, próprias ou de agências internacionais, que pudessem prejudicar a imagem do governo Salazarista ou das autoridades *Nacionales*. Portanto, o editorial do Diário de Lisboa também é responsável pelo modo como a cobertura do conflito foi feita e apresentada. De fato, trata-se de uma crônica jornalística que, na prática, na maior parte do tempo, se mostrou alinhada (ou subserviente) aos interesses do governo português, realçando o ponto de vista do *Bando Nacional*, visto como politicamente em consonância com os valores e as posturas político-ideológicas do Salazarismo.

---

<sup>163</sup> Apesar de ser possível especular se essa decisão foi tomada na tentativa de evitar problemas com a ditadura, as motivações exatas por trás dela são difíceis de precisar e indiferentes ao escopo da pesquisa.

Apesar de tudo, é importante pontuar que a abordagem feita pelo periódico não foi um bloco monolítico que se apresentou sempre da mesma forma. Como já foi dito, no início havia um maior uso de correspondentes e uma relativa liberdade de reportagem, que apesar de, na maior parte do tempo, estar em sintonia com o ponto de vista dos *Nacionales*, divulgou algumas matérias mais polêmicas para o público. Em outros momentos, como em meados de 1938, verificamos esse maior alinhamento à ideologia do Estado Novo e dos Rebeldes, o que, não por coincidência, acontece no período de maior presença do capitão Jorge Botelho Moniz nas páginas do jornal.

Na maior parte das edições do Diário de Lisboa, os Sublevados foram apresentados aos portugueses de maneira positiva. Diversas menções quanto à relação amistosa entre a “Espanha Nacionalista” e Portugal (e os Viriatos) foram feitas, enfatizando diretrizes e valores hegemônicos entre os Rebeldes espanhóis que coincidiam com os da ditadura de Salazar. Apesar de princípios como religiosidade e patriotismo não serem exclusividade do regime (existiam com considerável apelo no interior da sociedade portuguesa desde antes) inegavelmente eram parte importante dentro da mentalidade política governista. A fé cristã e a defesa de ideias patrióticas, conservadoras, antiliberais e anticomunistas receberam considerável destaque. Além disso, o periódico se aproveitou do prestígio da relação entre o governo de Lisboa e o de Burgos, para circular entre as forças *Nacionales* com uma maior liberdade do que correspondentes de outros países. Apesar de sofrer com a censura dos dois governos, buscou evitar mais atritos para não perder sua posição privilegiada. Dessa forma, sempre cedeu muito espaço para entrevistas de generais e pronunciamentos oficiais; estas matérias, além de servirem como chamariz de público para o jornal, também funcionavam como um espaço de autopromoção oferecido para as forças de Franco. Efetivamente o Diário de Lisboa se constituiu em eficiente plataforma de propaganda política para os *Nacionales*, alcançando uma ampla repercussão.

A composição do bloco contrário à Segunda República Espanhola foi razoavelmente abordada pelo jornal. Em um primeiro momento, tratou-se com clareza os diferentes setores que pegaram em armas. Porém, ao relatar a extrema violência do conflito, a cobertura ficou aquém do esperado. As ações dos *Nacionales* muitas vezes foram até justificadas, com pouca ênfase crítica diante de seus atos. É importante ter em vista que essa abordagem sempre contrastou com as informações ao respeito dos “Vermelhos”, que apesar de ter presença consideravelmente menor, nas páginas do jornal, comparativamente, tinham superdimensionadas suas ações mais violentas. Assim, os casos pertinentes aos Republicanos eram registrados de forma mais explícita, descritiva e em tom de denúncia, enfatizando-se os

horrores por eles causados. Seria errôneo fingir que as forças fiéis ao governo espanhol não cometeram crimes e atos de violência. Contudo, é amplamente embasado pela historiografia e até mesmo pela imprensa da época, que as práticas de violência desmedida contra o inimigo (civil ou militar) foram cometidas em maior proporção pelas forças de Franco, que buscavam uma lenta e sistemática ocupação de territórios acompanhada de uma “limpeza” de opositores (BUADES, 2013, p. 238), enquanto que as autoridades leais à Segunda República tentavam conter a violência dos seus comandados (SALVADÓ, 2008, p. 154). Assim, esse aspecto esteve presente no jornal, em claro desequilíbrio com o modo e a frequência em que esses acontecimentos ocorreram na prática. É provável que houve momentos de falta de informação; também que em outros houve efeito direto da censura; mas também, ocorreram escolhas editoriais deliberadas.

Nas reportagens sobre o desenrolar dos embates no campo de batalha, o periódico omitiu-se diante de algumas questões, como o apoio das potências fascistas, e abordou outras de maneira vaga, genérica e carregada de eufemismos, como ao relatar a violência dos Rebeldes. Desse modo, com atenuações e lapsos na cobertura de fatos que tiveram ampla repercussão pelo mundo, o jornal colaborou para obter uma opinião menos acusatória da sociedade portuguesa em relação aos crimes políticos cometidos em grande escala pelas forças que compunham o *Bando Nacional*. Uma alegada falta de acesso a aquelas informações parece uma hipótese pouco plausível, dada a frequente reverberação de publicações estrangeiras em suas páginas.

Tendo em vista os pontos até aqui analisados, levando em conta o que foi efetivamente publicado e chegou aos leitores, a imagem retratada dos *Nacionales* da Guerra Civil Espanhola, propagada pelo periódico, foi parcial e tendenciosa, o que foi corroborado com a publicação de diversas declarações falsas ou enviesadas por parte dos Sublevados. Dessa forma, pode-se afirmar que as edições do jornal publicadas durante os anos do conflito contribuíram para melhorar a imagem externa do *Bando nacional* e defender a imagem e os interesses do Estado Novo, que agiu ativamente contra os Republicanos. Embora em alguns momentos o periódico tenha apresentado uma abordagem menos tendenciosa do conflito, a cobertura sempre se apoiou no ponto de vista dos Rebeldes, reforçando-o. Desse modo, o jornal foi um meio de comunicação onde os *Nacionales* tiveram liberdade para se manifestar, sendo habitualmente mostrados de maneira positiva, caracterizados como heroicos e bravos, com consideráveis juízos de valor, tendo espaço para acusar os Republicanos, que, ao contrário dos Sublevados, não tinham uma seção livre no jornal para se defender. Assim, é possível dizer que o Diário de Lisboa, ao reportar a Guerra Civil Espanhola, foi na maior

parte do tempo uma plataforma de propaganda dos interesses da ditadura de Salazar e da causa de Franco em Portugal, em detrimento de contribuir para uma leitura mais isenta do conflito aos seus leitores.

## BIBLIOGRAFIA

BAIÔA, Manuel. **A censura como factor de formação e consolidação do salazarismo: o caso do noticiário sobre política internacional na imprensa (1933-1935)**. Cidehus, Lisboa, p. 155-193, 2012.

BARANOVÁ, Tereza. **Portugal e a Guerra Civil de Espanha**. 2007. 30 f. Monografia (Bacharel) - Universidade Masarykova, Brno, 2007.

BIRMINGHAM, David. **História Concisa de Portugal**. Edipro, São Paulo, 2017.

BUADES, Josep. **A Guerra Civil Espanhola: O palco que serviu de ensaio para a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARVALHO, Afonso Manuel Martins dos Santos Proença de. **O Regime do Estado Novo e a sua Posição Face à Guerra Civil de Espanha, 1936-1939**. 2018. 133 f. Tese (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

CASA COMUM. **Diário de Lisboa**. Disponível em: <[http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_529](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_529)>. Acesso em: 30 de out. de 2020.

DIÁRIO DE LISBOA. Regressa uma vez por ano para manter viva memória de jornal de referência. **Público**, Lisboa, 30 de Jun. de 2011. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2011/06/30/portugal/noticia/diario-de-lisboa-regressa-uma-vez-por-ano-para-manter-viva-memoria-de-jornal-de-referencia-1500916>>. Acesso em: 30 de out. de 2020.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e vermelho: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal correio do povo (1936-1939)**. 2004. 132 f. Tese (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GRAHAM, Helen. **The Spanish Civil War: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2005.

LANNON, Frances. **The Spanish Civil War: 1936:1939**. Oxford: Osprey, 2002.

MATOS, Álvaro Costa de. No centenário da fundação do Diário de Lisboa (1921-2021): história e memória. **Público**, 2021. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2021/04/18/opiniao/noticia/centenario-fundacao-diario-lisboa-19212021-historia-memoria-1958853>>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

MENESES, Filipe Ribeiro de. **Salazar: Biografia Definitiva**. São Paulo: Leya, 2011.

MIGUEL, Jesús de; RODRÍGUEZ, Antonio Sánchez. **La Guerra Civil Española: día a día 1936-1939**. Madrid: LIBSA, 2004.

NEW MUSEUM. Mário Néves. Disponível em: <<https://www.newsmuseum.pt/pt/imortais/mario-neves>>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Guerra Civil de Espanha: as bancas de jornais como trincheiras**. Disponível em: <<https://www.newsmuseum.pt/pt/na-frente/bancas-de-jornais-como-trincheiras>>. Acesso em: 30 de abr. de 2021.

Ó, Jorge Ramos do. “Censura” in Fernando Rosas; J. M. Brandão de Brito, (Dir. de), *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 139-141.

PINTO, António Costa. **Salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas ciências sociais**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

PINTO, António Costa; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (org.). **História Política Contemporânea: Portugal 1808-2000**. Rio de Janeiro: Objectiva, 2019.

PORTUGAL. **Constituição Política** de 11 de Abril de 1933, Parte I, Título II, art. 8.º, n.º 4.

PRESTON, Paul. **The Coming of the Spanish Civil War: reform, reaction and revolution in the second republic**. London: Routledge, 1994.

RODRÍGUEZ, Alberto Pena. A guerra de propaganda de Salazar: Os correspondentes portugueses e a Guerra Civil de Espanha (1936-1939). **Revista Media & Jornalismo**, Lisboa, p. 9-22, 2003.

\_\_\_\_\_. *El Estado Novo de Oliveira Salazar y la Guerra Civil española: información, prensa y propaganda (1936-1939)*. 1997. 361 f. Tese (Doutorado) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1997.

\_\_\_\_\_. Salazar y los viriatos. *Los combatientes portugueses en la Guerra Civil española: prensa y propaganda*. **Spagna contemporanea**, n. 47, p. 7-24, jan. 2015.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. **A guerra civil espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SEREM, Ruben. Portugal e a Guerra Civil de Espanha (1936-1939): uma introdução. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 32, p. 204-223, out. 2015.

TENGARRINHA, José (org.). **História de Portugal**. São Paulo: Edusc, 2000.

TENGARRINHA, José. O Estado Novo em Portugal, o controle da imprensa e a Guerra Colonial. [Entrevista concedida a] Tânia Alves. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, São Paulo, v. 5, n. 1, p (185-194), jan/jun. 2016.

VICTORINO, José Guilherme. Propaganda e controlo mediático no primeiro salazarismo: a complementaridade de actuação entre o SPN e o aparelho censório. **Revista Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 12, n. 23, p. 135-148, 2013.

VIEIRA, Rui Aballe. **Tomar o Pulso ao Tigre: Missões Militares Portuguesas em Espanha, entre a vigilância e a cooperação (1934 – 1939)**. 2011. 246 f. Tese (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.